

# O DIABO

no século XIX

OU LES MYSTÈRES DU SPIRITISME

## LA FRANC-MAÇONNERIE LUCIFÉRIENNE

PAR

LE DOCTEUR BATAILLE

NOMBREUSES GRAVURES

RÉVÉLATIONS

COMPLÈTES

SUR

LE PALLADISME

LA THÉURGIE

LA GOËTIE

ET TOUT LE

SATANISME

MODERNE

MAGNÉTISME OCCULTE  
PSEUDO-SPIRITES  
ET  
VOCATES PROCÉDANTS

LES MÉDIUMS LUCIFÉRIENS

LA CABALE FIN-DE-SIÈCLE

MAGIE DE LA ROSE-CROIX

LES POSSESSIONS  
À L'ÉTAT LATENT

LES PRÉCURSEURS  
DE  
L'ANTE-CHRIST

Compilação e Tradução:

Aleks Mijic Estevam

David Caparelli

Youry Baranoff

RÉCITS  
D'UN  
TÉMOIN



**O DIABO NO SÉCULO XIX.**  
**A FRANCO-MAÇONARIA LUCIFERIANA.**  
**O DOUTOR BATAILLE.**  
**A NARRATIVA DE UMA TESTEMUNHA.**

**Delhomme et Briguet, Editores.**  
**Paris e Lion.**  
**Paris, 29 de setembro de 1892.**  
**Festa de São Miguel.**

**Compilação e Tradução para a Língua Portuguesa**

**ALEKS MIJIĆ ESTEVAM**  
**DAVID CAPARELLI**  
**YOURY BARANOFF**

Tradução para a Língua Portuguesa devidamente registrada junto a Biblioteca Nacional sob nº 477.179 e 477.182 em 04/11/2009.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, sem permissão expressa dos titulares do direito de tradução.

Todos os direitos da língua Portuguesa desta edição reservados à Aleks Mijić Estevam, David Caparelli e Youry Baranoff.

## INTRODUÇÃO

### CONFIDÊNCIAS DE UM OCULTISTA

Como médico da "Compagnie de Messagerie Maritimes" em cujos navios fiz a maior parte da minha carreira e passei a maior parte da minha vida adulta, em 1880 estava eu na rota de Marselha ao Japão.

O leitor conhece essas admiráveis obras da indústria marítima francesa, esses navios que não medem menos de 152 metros de comprimento por 14 e mesmo 15 metros de largura e nos quais nada falta do ponto de vista de conforto e segurança dos passageiros. São verdadeiros hotéis flutuantes de colossais dimensões, possuindo todas as comodidades dos hotéis ordinários de terra firme, e a bordo dos quais até se duvida que se esteja navegando em pleno Oceano, tal a sua estabilidade e suavidade de movimentação.

Esta curta descrição permite entender a afluência realmente extraordinária de passageiros de todos os países e toda espécie que se reencontra, se acotovelam, se conhecem hoje, pelo acaso de uma travessia, onde se esquecem de amanhã após o desembarque ao termino da viagem. Temos assim, soldados de viagem para Tonkin para a conquista de terras e de corpos, missionários que os precedem ou os seguem para a conquista de almas para Deus, funcionários de todos os níveis, pessoas de todas as nacionalidades, esses são os passageiros regulares e intermitentes desta linha, que passam por aqui uma vez e não voltam mais. Mas, em compensação, existem outros que reencontramos sempre os mesmos, e com os quais com o tempo se estabelece certa intimidade.

São esses que o "maitre d'hotel" que os recebe à sua chegada a bordo os reconhece e os saúda com um leve aceno de cabeça respeitosamente familiar; uma vez instalados, logo percorrem o navio renovando o contato com os oficiais conhecidos, e com o medico em particular, que na sua especialidade e liberdade que desfruta lhe permite uma maior afinidade com eles. Nesse grupo estão os grandes compradores de bibelôs do Extremo Oriente, e principalmente os "graineurs"-comerciantes de grãos, viajantes e representantes das grandes "maisons" de seda crua, as grandes fiações e tecelagens da Itália, que, todos os anos, à mesma época, sobem ao Japão para adquirir por conta de suas "maisons" os grãos ou ovos do bicho da seda, assim chamados devido ao seu aspecto, e que transportam cuidadosamente colados em placas de cartões cuidadosamente empilhados uns sobre os outros, em meio a suportes que os separam dentro de grandes caixas embaladas com o maior cuidado. Esses "graineurs" e seus carregamentos constituem uma rica clientela para a "Compagnie", da qual são de certa maneira clientes regulares. Em uma rápida enumeração das escalas pelas quais o "Courier de Chine" passa e aquelas nas quais aporta, o leitor terá todos os dados necessários para compreender a importante descrição que se seguirá.

Partindo de Marselha, o navio aporta, ou pelo menos aportava na época, em Nápoles, Port Said, Suez, Aden, Pointe de Galle; ai se encontra um armazém que recebe as mercadorias e passageiros com destino à Pondichéry, Madras e Calcutá; continuando depois a travessia para Singapura, passando próximo ao Arquipélago de Java, as Ilhas Célebes, as Molucas, para chegar a Saigon e seguir para Hong-Kong, Shangai, e numa complementação segue ainda de Hong-Kong para Yokohama.

Portanto, eu era nesse momento o medico do Anadyr, um dos mais belos espécimes da frota da "Compagnie; o navio retorna da China em plena monção, ou seja, em Junho. Esta manhã chegamos à Pointe de Galle, ao sul da Ilha de Ceilão (hoje, Sri Lanka), este admirável pedaço da Índia onde a tradição oriental coloca o Paraíso, de onde, por sua própria culpa, por terem dado ouvidos à malévola inspiração do demônio, nossos primeiros parentes, Adão e Eva, foram expulsos.

Na realidade a localização do Paraíso terrestre ainda é discutida. A Gênese (cap. II, v. 10/14), relata que o mesmo era banhado por quatro rios: o Phison (Oyru), o Gehon (Araxe), o Eufrates e o Tigre.

A maior parte dos Orientais o coloca na ilha de Ceilão, de natureza maravilhosa e ainda hoje, um dos países mais bonitos do mundo. Alguns autores o têm procurado na Palestina. Huet diz que estava situado na região onde se juntam o Tigre e o Eufrates, próximo ao Golfo Pérsico. Enfim, um grande numero de teólogos acha que se encontrava nas nascentes desses dois rios na Armênia, próximo ao Monte Ararat.

A origem da tradição oriental parece se ligar ao Pico de Adão, um alto monte situado na ilha de Ceilão, pico esse de 2.262 metros de altitude, e onde se pode ver, sobre uma pedra próxima ao topo, uma pegada gigantesca, a que os cingaleses, através dos tempos, têm atribuído ao primeiro homem. Do seu lado os Indianos dizem que esta pegada provém de Buda, que após as suas metamorfoses, subira de lá aos céus.

Quanto aos raros cristãos do país, eles acreditam que essa pegada foi deixada por São Thomas.

O Pico de Adão, muito venerado, se tornou um polo de peregrinação para três religiões.

Preguiçosamente estendido na minha "chaise-longue", na parte posterior do navio, eu pensava precisamente sobre todas essas curiosas fases da historia da humanidade primitiva, com todas as suas catástrofes, eventos estranhos e sobrenaturais, - testemunhas talvez, penso eu, da luta entre o arcanjo, chefe das milícias de Deus, e o espírito do mal, quando vejo se aproximar de mim o primeiro "maitre d'hotel", sua casquette na mão, e que me diz:

-Doutor, os passageiros de Galle estão subindo à bordo.

Pode-se dizer, entre parênteses que, em todas as escalas, cabe ao medico, sem o deixar perceber, examinar um à um, à todos os passageiros, com a finalidade de indicar ao capitão aqueles que reconheça à primeira vista, estarem demasiado doentes para suportar a travessia, e de tal maneira que, e de acordo ainda, com o agente, o comandante possa se opor ao seu embarque.

Nesse mesmo instante que o "maitre d'hotel" me falava, e tão logo que eu tinha me levantado, senti que me davam pelas costas, um pequeno toque familiar.

Virei-me, e, como não o tivesse reconhecido de imediato, o interlocutor, ele o percebeu, e, com uma ligeira contração de contrariedade do supercílio, rápida, mas que pude reparar apresentou-se:

Gaëtano Carbuccia.

De pronto minha memória retornou.

-É! Disse eu, perdoai-me, eu vos peço meu caro senhor Carbuccia, mas não vos consegui reconhecer...

-Ah! É que eu, com efeito, mudei bastante depois do nosso ultimo encontro, respondeu ele.

E em seu rosto passou rapidamente como que o reflexo de uma dor imensa tremendamente contida.

Mas não, não, disse-lhe eu, com aquela condescendência excessiva um tanto vaga e amigável de um medico que procura tranquilizar à todos.

Na realidade, esse homem estava palavra, terrivelmente mudado; e confesso que, se não me tivesse dito o seu nome, eu nunca o teria reconhecido.

Examinei-o silenciosamente, lembrando aquele homem vigoroso, grande e sólido, hercúleo até, traços vigorosos, de olhos e cabeleira negros, com o seu nariz arqueado de um traço audacioso, sua

boca grande, o homem das gravatas vermelhas e coletes azuis, calças “a pied déléphant”, os berloques monstruosos, o verdadeiro Italiano de corpo e modos de se vestir que eu tinha conhecido em alguma viagem anterior e que me tinha dado, conforme me lembro, tanta preocupação, no decorrer da última travessia que tinha feito comigo.

Todas as infelicidades lhe caíram em cima, como que por uma casualidade inexplicável. Ele teve a bordo, uma violenta crise de cólicas neríticas ou cólicas de “miserere”, que o obrigaram a guardar o leito por oito dias em sua cabine, à mercê de dores terríveis; após isso, no mesmo dia da sua primeira visita à ponte, uma polia, coisa que nunca acontecera, caiu sobre a sua espádua e ele precisou de todas as suas forças e resistência extraordinárias para que esse acidente não o abatesse; e ainda, uma noite, ao descer à casa das máquinas para uma visita, despencou da escada, estirando-se no tombadilho de ferro, tendo-se levantado com não sei quantas contusões: isso realmente, se há de convir, era muito azar. E, enquanto que diante de mim desfilavam rapidamente essas lembranças, eu via diante de mim também, o antigo Hércules, agora emaciado, arqueado, encanecido, quase um ancião, de aspecto melancólico e doloroso, a voz apagada e trêmula, contrastando com o antigo clarim que possuía na sua laringe, com o qual ele ria tão forte, praguejando e jurando a plenos pulmões, precisando-se tapar os ouvidos e fugir do barulho e do escândalo.

Passaram-se alguns meses e o jovial companheiro tinha-se transformado em um esqueleto. O que poderia ter se passado, para ocasionar tal mudança?

Eu não podia acreditar... Ele nesses rápidos momentos, também me observava, dizendo então:

- Ah! Meu bom doutor, vós não mudastes nada, vós! Pois que de longe vos divisei, a mais de cem metros do navio e de imediato vos reconheci. Isto me deixou satisfeito; reconheço que vos devo muito, e quem sabe?

Isto poderia ser a Providência que vos coloca mais uma vez em meu caminho!...

Ele hesitou em dizer estas últimas palavras, que pareciam sair penosamente e como que com um grande esforço.

Confesso que estava realmente intrigado, e experimentava em mim um sentimento que dificilmente poderia explicar à mim mesmo, sentimento esse feito de comiseração bem maior que de costume, e uma curiosidade que me agitava e surpreendia, à mim, em geral bastante indiferente e insensível por profissão.

Mas, com efeito, disse-lhe, explicai-me então como é que vós vos encontrais aqui, vindo de Calcutá? Não pertenceis à grande companhia de seda Aratria?

Esse detalhe me veio à cabeça de repente. Os “graineurs” especializados em seda, não tinham motivo para se desviar da sua rota, se transferir, e ir à Calcutá, onde nada tinham à fazer.

- Ah! Respondeu-me suspirando, enquanto o olhar se fixava na ponte, melancolicamente, parecendo perdido em seus pensamentos; ah! então de nada sabeis, doutor? Que aborrecimentos, que desgostos ocorreram depois da última sessão!...

E como eu aparentasse espanto:

-Sim, continuou, são esses malditos Japoneses, que, maliciosamente, como monos, tiveram a ideia de se introduzirem junto ao nosso intermediário e logo depois disso com aquele das nossas “maisons”. Depois de algum tempo, eles vieram, eles mesmos, oferecer e vender suas mercadorias, seus grãos, que eles traziam, tornando-se assim corretores-“graineurs”, e isto, veja-se só, em detrimento deste vosso servidor e de seus colegas. De uma hora para outra, quase todos nós perdemos as nossas situações adquiridas ao longo de vinte anos de trabalho, e nisso tudo, fui o mais atingido.

A minha "compagnie" me conservou, e bem entendido com uma grande diminuição de vencimentos; mas tudo bem, pois que, me aproveitando dos bons anos, pude economizar e deixar em consignação na "maison" uma centena de mil francos, que me davam um bom rendimento. Catrapuz! Veja que de repente os meus Japoneses se meteram a fazer concorrência direta aos nossos patrões, às nossa "compagnies"; Eles estabeleceram, até na Itália, "maisons" concorrentes e assassinaram o mercado por meio de descontos extraordinários... Isto foi fatal, em duas "saisons", falência sobre falência; umas pós as outras, as "compagnies" italianas fechavam suas feitorias, suspendiam os seus pagamentos, e de um dia para o outro, me vejo surpreendido pela falência da Aratria, que deixou um passivo enorme, cinquenta à sessenta milhões... Arruinado, doutor! Arruinado de um dia para o outro, eu o repito, e obrigado, aos quarenta e cinco anos, à recomeçar toda a minha vida!

E ao me contar isso, Carbuccia sacudia a cabeça deploravelmente, curvando os ombros como se um peso enorme se abatesse sobre eles.

Então, continuou;

-Eu me desenredei como pude, e entrei para uma "maison" de bibelôs... Viajo agora pela Índia procurando encontrar os estofos, couros, ou em uma palavra, as diferentes curiosidades deste país...

Mas isto não vai, não consigo encontrar nada, tudo é velho, conhecido, excessivamente conhecido; e eu tenho muito receio de encontrar na minha volta, a minha nova "Maison" também em liquidação. Isto me obrigaria mais uma vez á recomeçar...

Neste ponto da sua narrativa, Carbuccia se interrompe, hesitante, parecendo que tinha algo mais à mencionar, e se perguntava se não deveria parar por aí mesmo...

Eu entendia agora as mudanças físicas sofridas por Carbuccia. Este homem, que eu tanto conhecia, folgazão, se é que se pode utilizar este termo, tinha sofrido um baque profundo no seu lado material da vida, o dinheiro sumira; não tendo família, nem esposa, nem filhos, nem quaisquer amizades, ele se encontrava no momento como uma alma penada, vendo a miséria, horrível miséria, se aproximar para se apoderar do ancião. Eis aí, pensei á que situação leva a vida, quando nos esquecemos da alma para pensar apenas no corpo... Confesso que se não estava emudecido, no mínimo estava as senhoreado pelo espetáculo dessa derrocada.

- Ah! Meu caro senhor Carbuccia, lhe disse, eu vos lastimo sinceramente, e de todo o coração...

-Eu o sei, doutor, disse ele me interrompendo; e se me deixo levar assim na vossa presença, é que vós bem me conheceis, é que vós me haveis tão bem cuidado, e que tenho por vós, acreditai-me, uma imensa estima e uma enorme simpatia.

- Eu compreendo agora, respondi que estais um pouco mudado; há, com efeito, algo para abalar um homem; uma perda como essa de um golpe e fortuna e situação, é duro!...

- Ah! Interrompeu-me mais uma vez, mas à meia voz, e olhando em torno de si com receio que alguém pudesse ouvir... Ah!... se fosse somente isso!...

- Mas o que ainda com vós, senhor Carbuccia?

Realmente eu não entendia mais nada.

Fazendo um tremendo esforço, levantou a cabeça, passando a mão sobre a fronte como que para afastar as idéias negras que o atormentavam, balbuciou:

- Não, eu não disse nada, eu me enganei... Perdoe-me, doutor, eu estava sonhando... De qualquer modo, disse lentamente como uma repetição do pensamento que o atormentava; de qualquer modo, vós não entenderíeis!...

Neste momento, a nossa conversação foi interrompida; pessoas iam e vinham pela ponte; afastei-me do meu homem para ir examinar meus passageiros, lhe dizendo: - Até a noite, senhor Carbuccia, até a noite.

O Anadyr deveria partir sem falta esta noite, tarde, uma vez que tivéssemos embarcado o carvão. Por um instante ainda pensei em Carbuccia, observando-o descer, ensimesmado, pelas escadas da primeira classe. Depois, retornei como de habito, à rotina de minhas ocupações.

O embarque do carvão, à noite, a bordo de um navio, é um espetáculo curioso, mas sujo e barulhento. Uma poeira negra e abominável, que de tão fina penetra nas gavetas dos moveis, se expande por toda a atmosfera, enquanto que o ruído do carvão que cai nos paióis do navio ressoa sem interrupção, fazendo de certo modo vibrar toda a estrutura metálica do navio. Isto é por vezes insuportável, insustentável, principalmente nestas paragens da Índia onde faz um calor úmido constante e onde a quantidade de eletricidade distribuída no ar vos enerva sem que vós vos apercebeis. Há alguns que ficam doentes super excitando os nervos de muitos outros, por pouco que sejam predispostos. Felizmente, isso não dura mais do que algumas horas. Qualquer que seja ela, a noite do carvão é uma noite de sono perdido.

O fim da jornada se tornou monótono; poucos passageiros se apresentaram para o jantar desta noite, e eu não tinha tornado à ver o meu Carbuccia. Pelas oito horas, os “mahones”, barças do carvão, acostaram o navio, e o embarque de carvão começa. Eu, para fugir o mais longe da poeira, eu me refugiava nessas ocasiões sobre a passarela, que geralmente fica acima da ponte, e onde se tem mais ar que sob as cobertas da popa, e onde se tem a grande vantagem de se estar sozinho, e de se poder acomodar á vontade em sua poltrona.

Eu já me encontrava sobre a passarela; poderiam ser uma onze horas, e eu me mantinha acordado, tentando, no meio daquele tremendo barulho, fazer como todas as noites a recapitulação dos fatos da minha jornada diária. Justamente, e quando chegava ao incidente Carbuccia, eis que meu enfermeiro me aparece no topo da escada, dizendo:

-Doutor, um passageiro vos solicita; ele me disse para vos dar o seu nome, M. Carbuccia, que vós conheceis, o presume...

Dei um salto na minha poltrona; a fantástica coincidência me impressionou. Francamente, pensei, este Carbuccia me persegue hoje de uma maneira esquisita.

- Está bem, digo ao enfermeiro, estou indo.

Há coisas a dizer e há coisas a fazer, e há coisas à encarar. Mas isso em virtude de que lei, de que vontade da Providência? Isto é difícil de entender e determinar. Mas, realmente, me encontro por um instante, à mil léguas de desconfiar daquilo que eu iria tomar conhecimento e das conseqüências que iriam resultar para mim.

Levantei-me e desci para a ponte e de lá ao passadiço, onde o meu enfermeiro me aguardava para me indicar o número da cabine ocupada pelo passageiro adoentado: o numero 27-28, para onde me dirigi imediatamente.

Carbuccia estava sentado no leito superior; pois os camarotes da primeira classe tinham dois leitos somente, superposto. Fazia um calor insuportável na cabine, a escotilha estava fechada devido à

poeira; o embarque do carvão se fazia justamente daquele lado, e o rolar dos pedaços de carvão pelas chapas de aço das tubulações de descida do carvão para os paióis deixava perceber uma música enraivecida. Carbuccia tinha a cabeça entre as mãos.

-Ah! Abençoado sois, doutor! Exclamou ele tão logo se apercebeu da minha presença; viestes em meu socorro, minha cabeça estala, estou terrivelmente nervoso...

E de repente se desfaz em lágrimas.

-Vejamos, vejamos senhor Carbuccia, disse-lhe, vós bem sabeis que é o carvão, e também a eletricidade do ar; isto sempre provoca esse efeito. Em uma hora tudo estará terminado, estaremos navegando e respiraremos então...

Mas ele não me escutava; chorava ainda mais, repetindo:

-Eu sou tão infeliz! Eu sou tão infeliz!

Francamente havia algo de grave com o meu Italiano, alguma coisa que ele não me havia mencionado. Eu me perguntei imediatamente: Devo como médico procurar saber, ir mais além, provocar confidências? Ou devo simplesmente ignorar, receitar um calmante qualquer, e me ocupar somente com o doente e não do homem?... Isto bastaria, pois dentro de alguns dias, ele desembarcaria, e quem sabe se, estando ele nesse estado, irei vê-lo novamente?

Eu diria que ele adivinhara o que me rolava pela cabeça; pois bruscamente, ele saltou do leito superior, veio até mim, e me retendo as mãos nas suas que senti que queimavam:

-Doutor, doutor, balbucia, não me abandoneis!...Sempre fostes bom para comigo, e não tenho à mais ninguém em quem possa confiar na situação em que me encontro: eu vos direi tudo, meu coração transborda, preciso falar, me desabafar, descrever à qualquer um todo o horror da minha situação... Vide são oito dias que me consumo a fogo lento, que me devora; sinto que se eu não desabafar, ficarei louco...

E ele me beijava as mãos, que inundava de lágrimas.

-Vejamos, vejamos senhor Carbuccia, disse-lhe: vejamos, vejamos, acalmai-vos... Controlai-vos, por favor? Subi comigo à passarela; lá estaremos a sós, bem à vontade; o amplo espaço dissipará a vossa dor de cabeça, e ficará mais calmo para conversar.

De fato, eu começava a ficar seriamente intrigado; eu não sabia qual o motivo secreto que me impelia a escutar esse homem e que me dizia que desta conversação surgiria para mim algo de inesperado e de grave importância.

Subimos à ponte e de lá para a passarela, ele me seguia, a cabeça baixa, como que absorvido em seus pensamentos. Lá chegados, eu o convidei a se sentar ao meu lado na minha “chaise longue”, que nos serviria de descanso.

E agora, lhe disse, que estamos à sós, senhor Carbuccia, contai-me, sem reservas, tudo o que desejardes; isto vos aliviará, isto vos fará bem; até lá, o carvão estará terminado, e vós podereis ir dormir tranquilamente.

Ele teve um estremecimento, num tremor geral de todo o seu ser; depois, me olhando bem nos olhos, me disse à queima roupa:

-Tende a coragem, meu bom doutor, de escutar até o fim a um homem decidido a tudo dizer?

Palavra, respondi rindo e acreditando que ele fazia alusão apenas à um tempo qualquer de uma narrativa do seu revés de fortuna que ele me iria fazer, palavra que sim... Tendes todo o tempo até a alvorada?

-Poderá ser suficiente, disse-me ele, posso precisar até mais.

-Vá! Exclamei sem poder reter essa exclamação... Enfim, vamos lá.

Ai, depois de estremecer novamente, e uma curta hesitação, como o ultimo resquício de uma luta interna que se travava dentro dele:

-Doutor, disse ele se levantando de repente, eu estou amaldiçoado.

E soltando um suspiro prolongado, cambaleou sobre as suas pernas, prestes a passar mal. Eu mal tive tempo de ampará-lo. Mais uma vez suas lágrimas extravasaram, sufocando- Eu o deitei sobre a “chaise longue”, e ele lá ficou por um instante estendido. Como que inconsciente, com os soluços retidos na garganta.

Eu o observava, nem pensando na sua síncope; eu estava literalmente consternado... Carbuccia, o céptico, o ateu Carbuccia, dizendo que estava amaldiçoado, e passando mal somente em pensar nisso e esta confissão, isso superava tudo!...Como! Esse homem que, há já algum tempo, não acreditava nem em Deus e nem no diabo, com o qual eu tinha tido, sobre questões religiosas e de fé, discussões durante as quais ele sempre zombara de mim e me havia ridicularizado naquilo que ele chamava de minha credulidade supersticiosa, este homem se dizia amaldiçoado?...

Francamente, ou ele enlouquecera de repente, - já se viram casos assim, - ou então deveriam ter ocorrido nele coisas extraordinárias. O caso se tornara interessante para o médico, e eu me prometi a mim mesmo, de provocar agora suas confidências e procurar saber de tudo, pensando ter acesso à um belo caso de sugestão e uma observação de alucinação demoníaca passível de ser publicada nos anais de medicina. Mas nem cheguei a interrogá-lo.

Rapidamente voltou a si, acalmado per essa ultima crise, os nervos relaxados, de posse de si mesmo, era o que se podia ver em seu rosto.

-Vós me acreditais louco, não é verdade, doutor? Articulou ele claramente.

E como eu não tivesse respondido:

-Eu estava, continuou, mas agora não estou mais. Vistes-me enlouquecido; no presente, embora tardiamente para mim, estou são e plenamente consciente da minha loucura no passado; e, vos peço novamente, escutai-me... Tomai meu pulso, disse estendendo seu braço; vereis que estou calmo.

E ele começou:

-Conhece meu caro doutor, qual a minha ocupação; somo-nos de certo modo bastante parecidos, e vos devo tanto que jamais vos iria enganar. Um dia, há já cinco anos, à bordo deste mesmo Anadyr, um dos meus colegas me disse:

-Mas que diabos, Carbuccia, não sois ainda maçom?

-Maçom, o que é isso?

-É! Meu caro, maçom, franco maçom!

-Ah! Não, por favor!... São aqueles farsantes, me parece, aquelas pessoas, a quem não invejo.

Meu camarada me interrompeu:

- Estais enganado, Carbuccia, ao falar desta maneira de coisas que vós não conheceis. A maçonaria é uma instituição das mais serias e posso acrescentar das mais indispensáveis para aqueles que, como nós, viajam e têm necessidade, em todos os países do mundo, de encontrar amigos, clientes, em suma, criar relações para fazer negócios.

Ele começou a me expor que em todo o mundo, a franco maçonaria tinha filiados, que um dos princípios desta sociedade era de se prestar ajuda, de se ajudarem uns aos outros, e que nada, em definitivo, era mais proveitoso do que se faze reconhecer franco maçom.

Eu o escutava contrariado, rindo-me por dentro ao vê-lo tão inflamado por essa sociedade e, além do mais, me recusava terminantemente em me deixar convencer, considerando ainda que fosse indispensável, para se ser admitido, me submeter a provas, passar por diversas graduações, levar um tempo infinito para alcançar os graus mais elevados.

Ele voltou à carga por varias vezes durante a travessia que fizemos juntos; terminei por mandá-lo passear.

Ai de mim! Porque não persisti no meu intento?

Mas veja, já em Nápoles onde eu resido, e onde ele me deixou, travei conhecimento, por muito azar, com um dos meus vizinhos do número 25 da "Strada San Biagio de Librae", uma pessoa diferente, de nome Giambattista Peisina, que se dizia e intitulava pomposamente, e falsamente, como eu o pensava na época: Muito Ilustre Soberano e Grão Mestre Geral, Grande Hierofante do Soberano Santuário do Antigo e Primitivo Rito Oriental de Memphis e Misraim. Desculpai-me do exagero...

E como eu ria, da enumeração dessa lista de títulos:

-Eu também ria naqueles tempos, disse gravemente Carbuccia; hoje eu não rio mais.

E ele recomeçou:

-Peisina, deve-se mencionar, não gozava de boa reputação na redondeza, não se sabiam exatamente quais eram os seus meios de subsistência; chegavam à sua casa da manhã à noite uma imensa leva de pessoas na maioria de aspecto discutível; mas, somando tudo isso, não se dizia muita coisa sobre ele, como se houvesse um certo receio à esse respeito. Como vizinho, Peisina, de aspecto austero e grave na aparência, era, em particular, um "bom vivam", não desdenhando a garrafa e tendo motivos para rir; ele se divertia finamente, comia bem e bebia melhor, a gloria do Grande Arquiteto do Universo, dizia ele, para zombar dos jesuítas, mas de vez em quando bebia a saúde deles.

Um dia, entre dois vinhos, lhe contei em tom de zombaria, a tentativa de engajamento de que eu tinha sido objeto por parte de um meu camarada. De pronto, ele ficou sério, repetindo palavra por palavra a ladainha do outro, com as mesmas palavras, as mesmas frases; poder-se-ia dizer que todos os dois recitavam a mesma lição que haviam decorado.

Acrescentou porem, o seguinte:

-Vosso amigo é um tolo; mas, a vós que sois um homem inteligente pode-se tudo dizer. Nós deixamos, - e ele acentuou a palavra nós, - nós mantemos nos graus inferiores e

submetemos às provas as pessoas das quais temos duvidas, que não nos pareçam prontas para a luz; mas vós, que sois meu muito ilustre, muito recomendável e muito inteligente amigo, eu vos digo, sob o segredo do sigilo, se o desejardes, eu posso, eu mesmo, na minha qualidade de Muito Ilustre Soberano Grão Mestre ( e aqui toda a cartada de títulos que ele recitou sem tomar fôlego), eu posso, de uma penada, vos iniciar em um grau mais avançado dos nossos sublimes e impenetráveis mistérios!...

-Desejais alcançar a terceira classe e ser um trigésimo quinto? Disse-me ele passando a mão pela barba.

-Por minha fé, sim, disse eu sem mesmo refletir, sim.

Isto me tinha escapado sem querer. E ele me pegou pela palavra, acrescentando:

-Tendes os metais?

-Como? Disse eu.

E ele repetiu pausadamente a frase:

-Tendes os metais?

E como eu não o tivesse entendido, explicou:

-Isto vos custará dois centos de francos... Vós entendeis? Acrescentou ele, as despesas do diploma, o tronco da viúva, a maçonaria como toda sociedade de benemerência, centralizando o dinheiro para as obras..., e outras frases de efeito, de que ele tinha sempre a boca cheia.

-E dois centos de francos, então, eu serei aceito como o dissestes?... Trigésimo quinto?... E conhecerei todos os segredos?

-Perfeitamente, respondeu Peisina; e tereis o título de Grande Comandante do Templo.

No fundo, eu não sabia se devia rir ou chorar. Mas o que era essa soma para mim nessa época?... E eu me disse:

- O que é que tu arriscas com isso? Duas centenas de francos não estão muito caro realmente, mesmo que te tenham enganado.

Durante a sessão, permanecemos na casa de Peisina; e lá, em uma espécie de salão especial, me ensinaram a executar os passos, sinais e a pronunciar palavras e frases diferentes, todos esses famosos segredos de ontem, segredos de polichinelo hoje; e, para terminar, ele me entregou um diploma, assinado com a mais bela caligrafia, bem como as insígnias do meu cargo.

Em apenas duas horas, eu era um Grande Comandante e de quebra iniciado.

Por aí é fácil de ver que esse Giambattista Peisina era um espertalhão, que tinha encontrado um meio de obter umas boas pequenas rendas, graças a esse comercio de diplomas maçônicos; mas ele tinha realmente um dos grandes da associação e tinha realmente o direito de conferir graus, sem as sindicâncias usuais.

Eu estava perfeitamente iniciado; o senhor Peisina me havia feito repetir, por varias vezes, as palavras, sinais e passos, para que eu não parecesse estar pouco afeito à eles assim que eu os fosse usar.

E agora, acrescentou ele, quando tudo parecia terminado:

- O pagamento de uma taxa de quinze francos por ano, que pagareis na qualidade de membro ativo do Areópago de Nápoles; eu vos comunicarei regularmente as palavras de ordem e de passe que vos serão indispensáveis, e podereis assim vos apresentar em todos os lugares como membro nossas ilustres lojas, capítulos e conselhos filosóficos.

Eu estava eu vos juro, encantado, como ele também, conforme me pareceu.

E eis me frequentando os templos interditos aos profanos, visitando os meus irmãos; e palavra, eu vi nesses locais coisas engraçadas, ridículas mesmo; fiz numerosos conhecimentos de alto nível, os quais na sua maioria acabaram por me pedir dinheiro emprestado, que, entre parênteses. Nunca me foi devolvido. Quanto a fazer negócios através a maçonaria, isso, é outra conversa.

Mas eis que um dia, lembro-me ainda como se fora ontem, um colega, maçom e uma loja de Calcutá, iniciado, porem, no rito de Memphis, em Withington, próximo a Manchester, na Inglaterra, me manifestou o seu espanto por não me ver alcançar outros graus e crescer na sabedoria maçônica, isto no jargão em uso, e de me encontrar sempre no meu simples grau de Grande Comandante do Templo, quando haviam tantos outros graus dos mais interessantes a alcançar.

Em poucas palavras, ele conseguiu despertar a minha curiosidade, e isto, com frases estudadas como uma lição, conclui depois disso, que as frases faziam parte, como aquelas de meu outro camarada e de Peisina, de um todo, uma espécie de lábia, usada para apanhar incautos, frases cuidadosamente estudadas e usadas na tarefa de recrutar e estimular as pessoas desejosas de se aproveitarem da iniciação para progredirem no sistema. O que quer que isso fosse se resumia em me fazer cair na sua rede, ao me mencionarem sessões extremamente interessantes, às quais se poderiam assistir desde que se tenha passado pela maçonaria cabalística ou pela maçonaria oculta.

O recrutamento é tão bem feito, que ele se torna obsedante para vós, que assombra a vossa mente. No final de contas, me deixei atrair e deixei colher tal como outros o foram antes de mim, e como muitos outros o serão depois de mim; e eis me aspirando ao conhecimento de novos segredos.

Quanto ao restante devo dizer que os meus novos irmãos cabalistas não me fizeram esperar. Eles me fizeram a mercê das iniciações aos 36o, 37o, 38o, e 39o. Graus, e recebido de repente no quadragésimo grau, Sublime Filósofo Hermético. A verdade seja dita, que nem tinha alcançado este ultimo grau, eu havia sofrido, por conta, todos os ataques a minha bolsa; e, como Peisina já me tinha feito pressentir, me haviam frequentemente perguntado se tinha os metais, e sempre procurado se certificar de que eu os tinha.

Dizer que eu dava o dinheiro com prazer, seria exagerar. Os negócios já não andavam tão bem, a roda da má fortuna começava a virar, e eu já sentia os primeiros abalos da catástrofe final; e como a cada novo grau a promoção era coberta por elevadas somas para as despesas de diploma, o tronco da viúva, etc, etc., podeis ver, doutor, que se dei um mau passo, eu também perdi a minha meta. Eu protestava a cada vez no meu intimo; mas, o que desejais? Uma vez engrenado na máquina, uma vez o dedo introduzido, passa o corpo, e naturalmente a alma; aparenta ser como um jogo, quanto mais se perde, mais se encarna no azar, mais se perde; qualquer coisa de amaldiçoado vos atrai a esse tapete verde, que se sabe muito bem ser a mortalha da vossa ruína, do vosso desespero e da vossa infâmia...

Carbuccia me havia feito esta primeira parte da sua narrativa, de um fôlego só, tudo de uma vez, e sem fadiga aparente; ele havia, podia-se dizer, recobrado por um instante sua voz sonora e clara, que me chegava aos ouvidos em meio ao estrépito ensurdecido do carvão. Eu estava vivamente interessado por esses detalhes vivos, que dissecavam tão bem uma sociedade da qual sempre ouvira falar, e da qual se notavam amostras de toda natureza entre os meus passageiros, até a fixação de alguns para os quais eu me tinha tornado alvo, tentando por varias vezes me arregimentar.

Agora, Carbuccia , baixara a voz, falando bem baixo, com receio que o vento levasse suas palavras e que alguma outra orelha que não a minha as pudesse recolher.. O ruído do carvão diminuía, por outro lado, de intensidade.

A meu pedido e a meu convite para repousar por um instante antes de continuar, ele respondera que não, dizendo que não estava mais cansado que qualquer outro, e precipitando a sua narração, como se receasse que fossemos confundidos por algum importuno, que qualquer coisa inesperada viesse interromper, nos surpreendendo e impedindo de continuar até o fim.

Ele se aproximou mais um pouco de mim; e malgrado a escuridão espessa, eu podia ver a sua silhueta se desenhava por sobre o branco do pano de fundo da passarela.

-Apenas, continuou ele, alcancei o grau de Sublime Filósofo Hermético, que de todos os lados me enviavam convites com pedidos para assistir às reuniões de sociedades mais ou menos maçônicas; foi assim que tomei conhecimento dos Irmãos da Palladium Réformè Nouveau ou Sociétè des Ré-Théurgistes Optimates, cuja direção central está em Charleston, na América do Norte, sob a alta autoridade do general Albert Pike.

Como tivesse manifestado meu espanto quanto a esses nomes barrocos:

- Oh! Mas isso não é nada ainda, diz Carbuccia, e vós não entendestes nada ainda. No decorrer da viagem, teremos tempo para recapitular tudo isso.

- E vos pôr a par, assim o espero, de tudo aquilo que vos possa interessar e se vos sentirdes forte o suficiente para não vos deixardes tentar conhecer de perto essas parvoíces, ao fim das quais terminaremos a chegar a uma monstruosidade.

- Não seja por isso, caro senhor Carbuccia, que vossa consciência se acalme!... Eu estou prevenido contra essas bobagens, e muito me surpreenderia se jamais vossos irmãos me atraíssem para as suas fileiras. Permitti-me vos dizer, ainda; eles só conseguem atrair apenas os ingênuos, e isto sem querer vos ofender.

-Acreditais nisso, meu caro doutor?... Vá lá, não vos enganéis...

- É verdade, os ingênuos, dever-se-ia acrescentar os velhacos, acrescentei, mas eu vos estimo ainda mais, senhor Carbuccia, para vos classificar na primeira categoria de vítimas dessas seitas em questão.

Carbuccia não respondeu, curvou a cabeça e retomou a sua narrativa:

- Esses Ré Théurgistes Optimates tem suas reuniões paládicas espíritas; eles se afastam de todas as ardis já defendidos pela Igreja havendo uma enorme quantidade de operações ocultas: mesas giratórias e falantes; enfim invocações.

Eu sorri ligeiramente para o que eu considerava uma tolice. Carbuccia o percebeu mesmo na escuridão.

- Não deveis rir doutor, disse: isto é bastante verdadeiro e infelizmente bem mais serio do que acreditais e que não se possa acreditar. Há, a respeito de todos esses malefícios, um ceticismo que me espanto de encontrar, agora em toda a Europa, no mundo inteiro, não se passa um dia, talvez uma hora, sem em qualquer lugar que alguém não pratique um malefício, ele sozinho ou em companhia de pessoas como ele abandonadas por Deus... Tomai agora, o momento, a hora em que falamos... Mas escutai até o fim, e tudo sabereis...

- No primeiro período das minhas visitas as reuniões paládicas espíritas, assisti a inúmeras invocações; mas percebi rapidamente, a fraude era grosseira, as aparições de fantasmas invocados eram produto de projeções feitas muito habilmente, mas não o suficiente para que o truque não fosse percebido pelo olho do observador.

- Entretanto, nada disse, pensando que isto seria a repetição de todas as comédias que me haviam sido representada em espetáculos em lojas maçônicas; é-se bom saber, que realmente, os Ré Theurgistes Optimates pertencem quase todos a franco maçonaria, cujos rituais tem servido de modelo para um grande numero dos deles; esta seita é uma outra maçonaria, mais oculta, mais perversa, mais criminosa que a outra, tendo principalmente um caráter claramente diabólico.

Mas num belo dia, o grão mestre de uma reunião paladica, à qual eu havia solicitado inscrição, me disse, quando estávamos em sessão:

- Irmão Carbuccia, acredita poder ser um dos nossos? Vós vos imaginais ter realmente iniciado nos mistérios da cabala da magia? Ah, não...

-Tudo o que já vistes até o presente nada mais era senão fantasmagoria, simulação, quimeras, de vãs aparências e embustes...

- Perdão, respondi disto já eu me tinha apercebido, mas fui bastante educado para o vos mencionar.

- Bom, respondeu o grão mestre, nós vos temos estudado com cuidado, depois que passastes a nos frequentar, e concluímos que vos sois um homem com o qual podemos contar... Nós lhe daremos ainda hoje a verdadeira iniciação dos Magos. Sois digno de adentrar os arcanos e de ver cara a cara a realidade... Verificai a sala vós mesmos, nenhum aparelho está dissimulado, podeis isto constatar.

E ele me fez fazer um exame minucioso da local.

-Agora, antes de uma sessão de espiritismo, em último caso, invocam-se Voltaire e Luther. Em um dado momento, no silêncio e na obscuridade, eu vi distintamente duas silhuetas, como sombras, fantasmas, aparecerem, indo e vindo pela sala no meio de nós, a pouca altura do soalho, sem o tocarem; mas esses espíritos não responderam às perguntas que o grão mestre lhes fez e se desvaneceram, desaparecendo gradativamente como uma leve nevoa da mesma forma que tinham aparecido.

Fiquei vivamente impressionado, mas, apesar disso, no fundo, eu ainda duvidava.

Teriam os truques sidos mais bem dissimulados do que de costume? Eis o que eu me perguntava... Assisti assim a numerosas invocações do mesmo gênero, e sempre de entes humanos falecidos.

Acabei, devo vos dizer, me habituando à essas práticas repreensíveis; intentei de me introduzir nos meandros de todas as cerimônias de invocações, em todas as fórmulas, pois, pensava eu, meus irmãos em teurgía tem o poder de invocar os falecidos, de os conjurar de certo modo, quero por minha vez me servir desses meios, para tentar recuperar a minha fortuna, ficar rico, ser feliz.

Entretanto, tudo isso tinha abalado as minhas convicções de ateu, de livre pensador, de um homem que em nada acreditava. Se há realmente alguma coisa após, eu me dizia se não há realmente, como o afirmam os católicos, um inferno, e por consequência um Deus bom e misericordioso, mas também terrível?. E agora?... Mas quem é o rei dos céus e quem é o rei dos infernos?...

Isto não me pareceu suficientemente claro devido principalmente às teses estranhas que entendi serem defendidas pelos conferencistas das nossas sociedades ocultistas. Mas não nos antecipemos. Eu me limito a vos dar a conhecer, meu caro doutor, o que é, neste momento, que perturba a minha consciência, e chegar ao mais importante, ou seja ao fato importante, extraordinário, pelo qual, depois de oito dias eu me sinto completamente transtornado.

Neste ponto, interrompi Carbuccia.

- Vós ireis, eu o desejo, me relatar fatos graves, coisas que um cristão não poderia entender senão com horror, e se, eu não duvido, ao constatar a clareza de vossa narrativa, sua simplicidade, bem como a convicção que se nota, vós ireis demasiado longe, se penetrardes, em poucas palavras, no domínio das ideias que a religião nos proíbe de abordar temerariamente, eu não vos poderei escutar... É a um sacerdote que deveis ir vos confessar, e a seus pés que deveis vos prostrar; quanto a mim, eu não possuo as qualidades, nem vontade para receber confidências sobre tal assunto... Eu não vos oculto, tenho uma grande vontade de tudo saber; entretanto, à proporção e à medida que avançais na vossa narrativa, sinto que irei tomar conhecimento de coisas que me perturbam desde já mesmo sem as conhecer; minha consciência de cristão se revolta, e eu me pergunto se somente o vos ouvir não me tornarei até certo ponto vosso cúmplice... E afinal, não é a um medico no exercício de suas funções que isso conta; e não estou preso, de maneira alguma, ao segredo profissional, e nem sei se resistirei, eu, à tentação de narrar tudo eu mesmo, e publicar o que me dizeis ponto a ponto, palavra por palavra, afim de tornar conhecido a todo o mundo os fatos pouco conhecidos e na maior parte ignorados, para que com a divulgação dessas práticas execráveis para pôr em guarda e contribuir para salvar almas colocadas à beira desse precipício no qual vós mesmos caístes, e no qual, eu pressinto, vós rolastes até o fundo...

- Oh! Disse Carbuccia, que ideia maravilhosa tivestes doutor!...

Sim, é isto, será necessário publicar o meu relato, será necessário contar tudo um dia, revelar, como o dissestes, ao mundo inteiro, a obra do malefício. Eu vos ajudarei com todas as minhas forças, vos colocando a par de tudo o que eu vi, fiz e observei...

E, nessas condições, vós deveis, vós medico, na ausência de um sacerdote à bordo, ouvir e receber, não a minha confissão, mas a minha declaração sincera e solene... Isto vos poderá parecer estranho, talvez, que eu me desabafe convosco; mas eu vos conheço, eu vos estimo, e tenho confiança absoluta em vós; vós já salvastes uma vez a minha vida material, salvai minha vida espiritual, escutai-me!...

- O sacerdote, eu o temo... –

- Oh! Não, apressou-se ele de se corrigir, vendo que eu fazia um movimento...

- Oh! Não, não e como estais pensando, mas por timidez, por horror de mim mesmo... Pensai, que depois da minha primeira comunhão, que foi, isto é verdade, excelente, depois a minha infância, e em consequência, eu perdi o habito do padre, e jamais ousaria contar à esse homem, apesar do caráter sacro de que ele está revestido, talvez por este mesmo, caráter, é o que eu vos digo com confiança, com alívio...

- Eu vos Repito, eu vos conheço, vós sois para mim como um irmão, um pai, e eu não tenho nem vergonha, nem amor próprio junto à vós... Enfim, se não me escutardes, é possível que jamais eu venha a contar o que quer que seja à pessoa alguma; esses terríveis segredos morrerão comigo, e a obra maléfica, não revelada, continuará seu tenebroso caminho...

Assim falando, me pressionando, num tom de uma criança que suplica, de um infortunado que implora, eu estava verdadeiramente emocionado.

Não obstante, minha decisão foi rápida; seu ultimo argumento me abalara.

- Está bem, disse eu, se me prometerdes formalmente concluir o vosso retorno a Deus, de legalizá-lo de alguma maneira indo vos confessar, e se, em uma palavra, vós me prometerdes de maneira formal de fazer vossa paz definitiva com a religião cristã, ai então consentirei em vos ouvir, e verei então, o que irei fazer.

- Eu vos juro, disse ele simplesmente.

- Falai, respondi; e fiz então o sinal da cruz.

Por ocasião da minha última viagem à Calcutá, fui, conforme meu habito, visitar os meus irmãos Ré Théurgistes Optimates. Desta vez encontrei o grão mestre e seus acólitos em grande agitação. Haviam sido recebidas, ao que parece, algum tempo antes, um novo ritual de cerimônias mágicas, preparado por Albert Pike; não havia dúvida disso, e o entendi, através algumas frases escapadas do grão mestre e de certos preparativos que iria ocorrer uma sessão extraordinária. Ela estava sendo retardada pelo fato, de que não existiam em Calcutá, certas coisas, - coisas de que não me deram conhecimento, - e absolutamente indispensáveis para o cerimonial.

Essas coisas em questão não poderiam ser encontradas em qualquer lugar; o irmão Georges Schekleton, que havia sido enviado urgentemente para as procurar na China, único lugar em todo mundo onde poderiam ser encontradas e encomendá-las, e deveria chegar no dia seguinte por um navio da Península Oriental, vindo de Xangai e Hong Kong. O navio em questão chegou, com efeito, no dia seguinte.

O grão mestre subiu à bordo para reencontrar o irmão Shekleton, e ambos vieram, transportando com grande aparato uma pequena caixa de madeira branca, contendo o que Albert Pike havia declarado indispensável para o bom êxito da operação mágica desejada.

A caixa foi aberta de todos nós, na sala de nossas reuniões; ela continha.. – e aqui Carbuccia estremeceu e a sua voz se alterou subitamente, - ela continha, continuou, três crânios de missionários, todos mortos recentemente, vítimas da fé, na baixa China.

- Irmãos, nos disse o grão mestre, nosso irmão Shekleton completou justa e perfeitamente a missão de honra de que o havíamos incumbido...

Ele encontrou ali nossos irmãos os adeptos da maçonaria cabalística chinesa, e, graças à eles, ele conseguiu diligenciar os três crânios que vedes...

- São três crânios de padres das missões do Kouang Si, que os nossos irmãos chineses que eles mesmos supliciam, depois de infligirem sofrimentos que, tão terríveis o quanto possível, estavam ainda abaixo daqueles que mereciam esses infames propagadores da superstição romana.

Deve-se presumir que se tratava de algum massacre de padres jesuítas, os missionários mais detestados pelos mandarins. Esses massacres eram, de resto, frequentes; mas o que é mais vergonhoso, é que os governos europeus os toleravam e nunca exigiram reparações.

Seus crânios haviam sido enviados ao Tão-Taï da região, para serem nas práticas profanas que conheceis.

O Tao-Taï é um funcionário de primeira classe, um governador. As práticas profanas, das quais foi feita alusão, são imundas: após um massacre, os Chineses jogam nas encruzilhadas as cabeças

decepidas de suas vítimas, e a população vai urinar sobre esses restos humanos. Após o grande massacre ocorrido em Tien Tsin, em 21 de Junho de 1870, e no qual o cônsul da França, M. Fontanier pereceu no meio dos missionários e de irmãs de caridade, a cabeça do cônsul ficou muito tempo exposta em uma das principais praças públicas da cidade, sofrendo esses ignóbeis ultrajes póstumos.

Essas abominações são de conhecimento público. O que todo o mundo diz também na China, é que o Tão-Taï de Tien-Tsin que dirigiu o massacre de 1870 não é outro senão o marques Tseng; assim, não somente o assassinato do cônsul Fontanier foi jamais vingado, mas o homem que o aprovou, encorajou, acobertando também os perpetradores do massacre, o homem que fez expor a cabeça da vítima, como se veio à dizer, tornou-se embaixador da China junto ao governo francês, aceito pelo governo francês.

-Nosso irmão o Tão-Taï consentiu em vor ceder, à pedido do nosso respeitável areópago; e eis aqui o seu sinete, que não nos permite suspeitar a sua autenticidade.

Pronunciando essas palavras em tom de júbilo, o grão mestre nos mostrou, de fato, uma grande folha de papel de arroz, com o dragão de cinco garras, que somente podem usar os altos funcionários, e que, encontrados nas mãos de um homem comum, lhe valem uma sentença de morte imediata... Não havia mais o que se duvidar.

- Eu, continuou Carbuccia, não pude reprimir um sentimento de horror. Mas eu estava por demais envolvido, eu o entendi então. Pareceu-me que, se manifestasse o desejo de me retirar da sessão, estaria perdido; e me coube então assistir a uma espantosa cena, digna de selvagens.

As três cabeças foram colocadas sobre uma mesa. O mestre de cerimônias nos colocou em torno, formando um triângulo cujo vértice estava orientado para o oriente da sala. Após isso, o grão mestre empunhando um punhal, que é jóia suspensa da fita do rito paládico, se afastou da corrente triangular formada pelos que assistiam a cerimônia, se dirigiu para a mesa, dando um golpe da lâmina de aço em cada um dos três crânios e dizendo em inglês: Malditos sejam Adonai e seu Cristo! Abençoado seja Lúcifer!

Coube-nos, à cada um, de bom grado, de mau grado, imitá-lo, cada um por sua vez. Depois do que os três crânios estavam como podeis imaginar, em estado lamentável, os fragmentos foram atirados ao centro de um braseiro, que ardia aos pés do Baphomet, que dominava o oriente.

Mais adiante quando narrar as visitas por mim efetuadas ao seio das sociedades de ocultistas descreverei então, com mais detalhes ainda que os fornecidos por Carbuccia, o interior dos templos secretos, verdadeiramente satânicos, dos Ré Théurgistes Optimates; darei então, todas as explicações necessárias relativas ao Baphomet e à todo o resto.

Foram apagadas todas as luzes, exceto uma somente, que um cavaleiro grande experto mantinha diante do grão mestre, para que o mesmo pudesse ler o ritual de Albert Pike; o grão mestre leu uma fórmula de invocação que eu nunca tinha ouvido; era uma invocação direta à Lúcifer.

Eu me perguntava já bastante inquieto, o que daí poderia advir.

A sala, como eu já havia reparado, não tinha a mesma disposição quando das primeiras aparições fantasmagóricas que me tinham feito ver; e eu entendi então, mas demasiado tarde, que as pseudo aparições feitas por projeções oxiúricas serviam para familiarizar os tímidos com essas práticas. O solo não havia sido assoalhado, mas sim cimentado e revestido com ladrilhos brancos e pretos dispostos alternadamente, como um tabuleiro; o oriente, elevado em três degraus, havendo mais quatro degraus para acesso ao altar do Baphomet, era construído em granito, de grandes blocos maciços. Insisto nesses detalhes, para vos demonstrar o que eu vi, meu caro doutor, que eu iria

presenciar à uma aparição real, que não existia nenhum alçapão existia em lugar algum, e que nenhuma trapaça era possível.

O grão mestre terminara sua invocação por meio de palavras que nunca entendi palavras que deveriam ser em hebreu ou de qualquer outra língua desconhecida; estou propenso ao hebreu. Aliás, nem tive o tempo para refletir sobre esse ponto.

Apenas terminara a invocação, e ele veio, e nos todos seguindo o costume, abrimos os braços, as mãos estendidas como que para receber o recém chegado, quando uma ventania intensa soprou na sala, apesar de todas as portas fechadas.

Ouvimos também um bramido subterrâneo, assustador; a tocha do grão mestre se extinguiu por si mesma, e nos encontramos na mais completa escuridão. Ocorreu, então, um estrondo medonho, impossível de descrever. Logo mais, o chão tremia sacudido por tremendos abalos; parecia que a “Maison” iria desabar sobre as nossas cabeças. Eu esperava ser enterrado vivo sob os escombros. Nada aconteceu. Um tremendo estrondo de trovão explodiu, e a sala ficou brilhantemente iluminada, mais vivamente do que se houvessem milhares e milhares de velas. Não era uma luz semelhante a aquela produzida por lâmpadas elétricas; era realmente uma luz como eu nunca havia visto, estando entre o vermelho e o branco, nem vermelho, nem branco, uma luz inexplicável.

Todos os nossos olhares estavam dirigidos para o oriente, onde o trono do grão mestre estava vago.

O grão mestre se encontrava próximo, à esquerda, de costas para nós. De repente, em cinco ou seis segundos após a brusca iluminação da sala, sem qualquer transição, sem qualquer transformação de um fantasma de início indefinido tomando depois corpo pouco à pouco, subitamente, este é o único caso em que esse termo possa realmente ser usado, um ser humano foi visto, por todos nós, sentado no trono do grão mestre. A aparição foi instantânea.

O grão mestre caiu de joelhos, e nós o acompanhamos.

Quanto a mim, eu vos asseguro que tinha os olhos fixos no chão e que eu tremia demais para ousar levantar os olhos para o oriente.

Ao cabo de poucos instantes, que me pareceram séculos, ouvimos uma voz que nos dizia:

- Levantai-vos, meus filhos; tomai lugar, e não temais nada.

Obedecemos. Ocupamos nossos assentos, o grão mestre sobre uma poltrona próxima ao cavaleiro chanceler.

Examinei agora o espírito aparecido. Em todas as invocações precedentes, nas quais eu tinha tomado parte, quando o espírito invocado tinha tido por bem desejado aparecer. Era sempre um fantasma de formas mais ou menos vaporosas, um ser fluido, essencialmente impalpável. Este espírito, ao contrário, era bem um ser como vós e eu, em carne e osso, mas de um corpo realmente radiante. Em teatro, em certas cenas, o personagem principal é acompanhado por um fecho de luz oxiúrica; entretanto o truque é de fácil percepção, considerando-se que a luz dirigida de um ponto qualquer sobre o artista, vai se alargando na direção dele, na forma de um compasso de pernas abertas; a luz cai sobre a pessoa e a ilumina. Aqui, pelo contrário, o espírito que nos tinha aparecido, era ele mesmo o centro do clarão, o foco luminoso iluminando a sala. Não havia mais o que duvidar; nós estávamos em presença de Lúcifer em pessoa.

Desde o momento do seu aparecimento, teria ele sido sempre o mesmo da maneira que eu o vi?... Isto eu o ignoro... Neste dia, ele tinha os traços de um homem de trinta e cinco a trinta e oito anos; estatura alta; sem barba nem bigode; mais magro do que gordo, mas não ossudo; traços finos, distinto; não sei que melancolia no olhar; um sorriso nervoso franzindo as curvas dos lábios. Estava nu, de cútis branca ligeiramente rosada, maravilhosamente bem feito de corpo, como uma estátua de Apolo.

E nos disse, em excelente inglês, com uma voz vibrante, da qual até agora me sinto perturbado no fundo da alma:

- Meus filhos, a luta é penosa contra o meu eterno inimigo, mas não vos deixeis jamais levar pelo desânimo; o triunfo final é nosso... Estou feliz de me sentir amado neste lugar seguro e inviolável onde não entram senão seres humanos dignos de mim; e eu vos amo muito, também... Eu vos protegerei contra os vossos adversários; eu vos darei o êxito em todos os vossos empreendimentos, e vos reservo alegrias imensas e sem fim para o dia quando tiverdes cumprido vossa tarefa neste mundo e quando vós vos reunireis à mim... Meus eleitos, a mim, são inumeráveis; são estrelas que cintilam no firmamento, os astros que percebeis e aqueles que vedes, são menos numerosos que as falanges que me rodeiam na glória do meu domínio eterno... Trabalhai, trabalhai sem cessar para livrar a humanidade da superstição; eu abençoo vossos esforços; não esqueçais jamais a recompensa que vos está prometida... E principalmente, não temas a morte, que será para vós, a entrada na felicidade imortal do meu império... Enfim, multiplicai-vos neste mundo, e amai-me sempre, com o mesmo afeto que eu vos dedico, oh meus filhos bem amados!...

Após essas palavras, ele se levanta do trono, aproximou-se do grão mestre e o olhou fixamente nos olhos, em seguida fez o mesmo com os outros dignitários que estavam no oriente, parando diante de cada um por sua vez e os examinando. Estávamos mudos. Ele desceu à seguir os degraus do estrado. Instintivamente, íamos nos levantar; mas com a mão nos fez sinal para permanecermos em nossos assentos. Ele percorreu a sala em seguida; cada um de nós foi objeto de um rápido exame de sua parte.

Quando ele chegou diante de mim, mergulhou seu olhar no meu como que procurando ler nas profundezas da minha mente. Pareceu-me que teria tido alguma hesitação a meu respeito. Ele havia sorrido ao meu vizinho da esquerda; mas, me olhando, contraiu a sobrancelha, ficou pensativo por um instante, e nem sei qual o bizarro torceu a sua boca; eu teria dado dez anos de minha vida para estar naquele momento à mil léguas de Calcutá!... Se eu estivesse de pé, as minhas pernas certamente não me teriam suportado. Enfim, dirigiu-se ao meu vizinho da direita, e eu me senti aliviado.

Quando terminou o giro por todos os presentes, ele retornou ao centro, nos abraçou a todos com uma rápida olhada circular, e se dirigiu diretamente ao meu companheiro da esquerda; à aquele que tinha trazido de Shangai os três crânios de missionários.

Ele se aproximou bem próximo e lhe disse:

- Dai-me tuas mãos.

O outro as estendeu; e ele as tomou nas suas; meu vizinho teve como que um choque elétrico; ele soltou um grito assustador, que nada tinha de humano; e subitamente, Lúcifer desapareceu; e no mesmo instante a sala mergulhou na escuridão.

Os irmãos serventes reacenderam as tochas. Vimos então que o nosso camarada que havia tocado a aparição estava imóvel no seu assento, os dedos crispados nos braços da poltrona, a cabeça jogada para traz, os olhos fixos, desmesuradamente abertos. Nós o rodeamos, estava morto.

O grão mestre pronunciou algumas palavras em voz lenta e solene:

- Gloria imortal ao nosso irmão shekleton! Foi a ele que o nosso Deus todo poderoso escolheu!

Eu já não entendia mais nada; minhas forças me abandonaram; eu perdi os sentidos, ignoro como terminou a sessão.

Quando retornei a mim, eu estava em um quarto para onde me tinham levado. Três dos meus companheiros me prodigalizavam seus cuidados. Enfim, graças aos saís, às fricções, voltei a mim completamente; pude me levantar e fiz me providenciarem uma viatura, um "ticka garri", para me reconduzir ao meu hotel.

Um dos oficiais do rito me disse rindo, logo que os deixei:

- Até logo, irmão Carbuccia, até logo; mas da próxima vez será necessário que sejas menos impressionáveis.

Carbuccia tinha terminado sua narrativa; feito isto se calou e eu também.

Durante todo o tempo que durou a nossa conversa, ou melhor, o seu monólogo, nós nos tínhamos esquecido onde estávamos do navio, até mesmo do estrépito do carvão que até já havia terminado sem que disto nos tivéssemos nos apercebido; e, no grande silêncio da noite dos trópicos, a lua se levantava, vermelha no horizonte, e ao longe, em meio aos ermos, por sobre os topos das árvores, chegavam até nós como que para nos trazer de novo à cena diabólica, os gritos agudos, lastimosos e prolongados, que durante a noite toda, eram lançados através os campos pelos Indianos, que imaginavam afastar assim os maus espíritos das proximidades de suas habitações.

Entretanto, Carbuccia não suportava mais; ele estava no fim das suas forças, acalmado de todo e como que liberado de uma opressão, de um pesadelo, pela sua confissão. Eu mesmo estava fortemente impressionado; parecia-me que o ar me roçava e que um sopro me passava pelo corpo. Mais uma vez eu me persignei.

Depois dito, descemos. Carbuccia me desejou uma boa noite; ele cambaleava como um bêbado; caiu como um peso morto, completamente vestido, no seu leito e adormeceu instantaneamente. Era a crise do sono, felizmente.

Quanto a mim, voltei à minha cabine, e me foi impossível de pregar os olhos. Passei e repassei em minha mente o que me havia contado o ex "graineur"; ponderei sobre as ideias, relembrei a simplicidade da sua narrativa, sua tranquilidade durante a narrativa. Não se podem nem imaginar essas coisas, a menos que as tenham visto antes. A alucinação mostra sempre as coisas extraordinárias, mostra os monstros, as aparições de formas bizarras ou gigantescas, amplia e tudo exagera; é isto que a caracteriza. Aqui, pelo contrário, tudo é simples; e se não fora monstruoso em si, pelo satanismo do fato, se não se trata do príncipe das trevas, acreditaria ter ouvido a narração de um incidente bem comum da vida.

Resumindo, o que mais me impressionava, a mim habituado a entender as frivolidades, as coisas estranhas, bicornes, criadas por mentes doentias de visionários, era essa essência mesmo de encenação, de que os alucinados são costumeiros e que cerca os que acreditam ter visto.

Eu não tinha como me enganar; de resto, não se pode enganar um médico. Esse homem havia realmente visto, havia realmente assistido a cena que me tinha narrado. A inocência da sua narrativa era para mim a prova mais convincente da sua veracidade.

Qual o interesse, por outro lado, eu me perguntava, teria ele em enganar a alguém que afinal em nada lhe servia nem poderia lhe servir em nada?... Carbuccia é um homem acabado, desgastado pelas desgraças que sofreu; ele sente o que lhe acontece, e desse excesso de sofrimentos lhe nasceu um grande bem; agora ele acredita em Deus e deseja se reconciliar com ele... Entre estes desígnios impenetráveis, que sempre devem ser admirados, é precisamente na tolerância dos mais terríveis procedimentos do espírito do mal, que Deus permite que uma alma volte à ele.

Quanto mais eu refletia, quanto mais eu tentava me demonstrar que o meu Italiano era um alucinado, mais eu me convencia do contrário, de que se tratava de um infeliz, um grande criminoso, mas não

era um louco, e alguma coisa me dizia, me gritava, me inquietava me fazia entender que aquilo que eu procurava entender não havia ainda sido ideada.

Estava eu insone perdido em meus pensamentos, quando de repente senti como um estalo na minha mente. Levantei-me bruscamente, sentei-me no meu leito, um suor frio me cobrindo a testa. A ideia que tinha arquitetado era a de me assegurar, eu mesmo, da veracidade de tudo isto, de descer ao abismo, eu também, mas me prometendo à mim mesmo de jamais me prestar pessoalmente a qualquer prática diabólica. O papel que eu me determinara era o de testemunha, de simples testemunha, jurando em meu coração recusar meu concurso a todo e qualquer ato contrário a minha fé, caso isso me fosse solicitado; quaisquer que fossem os perigos que a minha recusa me pudesse expor.

Desde o momento que essa ideia me tinha surgido, ele não me abandonou mais. Eu serei o explorador, e não o cúmplice do satanismo moderno.

O resto da viagem como bem poderá entender, não foi mais que uma longa serie de conversas com Carbuccia, a quem eu fiz repetir centenas e centenas de vezes as mesmas histórias, as quais depois de deixá-lo eu as escrevia por uma questão de segurança. Eu me fiz dar por ele numerosos detalhes, principalmente os que me poderiam ajudar a conduzir a minha pesquisa.

Em Nápoles, fiquei conhecendo o signor Peisina, o grande Hierofante Italiano do rito de Memphis. Informado como eu estava, foi-me fácil convencê-lo de que eu já estava a par das práticas cabalísticas; assim ele não hesitou em me outorgar, mais facilmente ainda, de resto, pois eu não regateie, um diploma, com as insígnias, não apenas do 35o grau oriental, mas sim o do 90o grau. Fui então, mediante cinco centos de francos, elevado a Soberano Grande Mestre ad Vitam, sem ter provas a cumprir, e principalmente sem ter de prestar juramento ao pretense divino Grande Arquiteto, - o que para mim era essencial. Graças a esse diploma e insígnias, graças também aos ensinamentos dos sinais de reconhecimento e de palavras de passe, dados em parte por Carbuccia, e em parte por Peisina, pude então penetrar nas Lojas e de lá nas reuniões ocultistas, interditas até aos franco maçons comuns; e o que eu vou narrar, eu o farei, seja recolhido da boca de luciferianos que não tinham nenhum motivo para procurar me enganar, ou visto por mim mesmo, com meus próprios olhos.

O fim da minha narração mostrará que Carbuccia está definitivamente reconciliado com Deus.

Doutor BATAILLE.

Paris, 29 de Setembro de 1892, dia de São Michel.



**PRIMEIRA PARTE**

**ELUCIDANDO O OCULTISMO**

**CAPITULO PRIMEIRO**

**ALGUMAS EXPLICAÇÕES NECESSÁRIAS.**

Não se alcança tudo somente pelo fato de se ter um diploma de Soberano Grão Mestre ad Vitam, ou, se empregar o argot das sociedades secretas, uma patente oriental dos altos graus cabalísticos; é-se necessário praticar e, além do mais, tatear o terreno.

Carbuccia, - que agora vive, - me havia recomendado prudência.

Ele tinha lá as suas razões para se preocupar, dizia ele. A sessão extraordinária, inesperada para ele, aquela à que havia assistido em Calcutá, lhe havia inspirado um salutar terror, do ponto de vista de sua alma, até ali já bastante comprometida; esse temor, o principio da sabedoria, tinha produzido, evidentemente, um excelente resultado espiritual: mas de um outro ponto de vista, ele não estava nem um pouco tranquilizado quanto à sua vida material, embora ainda tivesse bastante, mau grado as grandes perdas pecuniárias sofridas por ele.

Nunca mais colocar os pés em uma sociedade de ocultistas, esta tinha sido sua decisão irrevogável; estava ele feliz de ter saído do abismo. Apenas, pensava ele que o seu brusco rompimento com todas as sociedades de ritos diversos, às quais ele se tinha filiado, poderia servir a comentários perigosos para ele. Assim, na minha saída de Nápoles, ele me comunicou que iria, sem perda de tempo, vender tudo o que possuía efetuar a venda mesmo que com perdas, e mudar de nome e de país, a fim de despistar os seus antigos amigos, estando convencido que os mesmos não tardariam em jurá-lo de morte.

Fiz todo o meu possível para tranquilizá-lo: não consegui convencê-lo.

Eu vi muita coisa, eu sei sobre muitas coisas, me repetia ele, para arrostar a ira terrível que irá se desencadear contra mim. Eu reencontrei o bom caminho; uma expiação ignorada por todos, me dará o perdão de Deus; isto me é suficiente, estou feliz. Mas isto é inútil, pois de hoje em diante os meus dias estarão expostos.

Eu entendi que não deveria levantar o véu do refúgio deste infeliz. O que o fazia presumir que a sua vida pudesse estar em perigo não era nada senão uma vã ilusão. Ele me tinha narrado um fato sangrento, que merece ser contado aqui.

Carbuccia é um homem de Companhia de puro sangue.

Ele é originário de Maddaloni, uma pequena cidade nas proximidades de Caserte, o centro principal da Terra Lavoura. Sendo filho de agricultores desembaraçados, foi no colégio de Caserta que ele foi educado, ou, melhor dizendo, aperfeiçoou sua educação; ele foi um bom aluno do instituto técnico. Fez a sua primeira comunhão em Caserte la Vielle, na igreja San Michele, que é um dos mais interessantes exemplos da arquitetura normanda do século XII.

Na sua juventude, ao tempo que ele morava em Maddaloni, com os seus pais, ele gostava, como todas as crianças, correr pelos bosques, subir nas árvores, roubar os ninhos. Ele a muitas vezes longe, ao acaso, neste magnífico país, tão pitoresco, arriscando a ser advertido à noitinha pela sua mãe, à qual as suas excursões preocupavam.

## O diabo no século XIX

Um dia, - era em 1845, ele já tinha dez anos, - ele se escapou de manhã bem cedo; havia corrido, corrido, deixando para traz o aqueduto grandioso, tão afamado, construído por Vanutelli, um dos arquitetos de São Pedro de Roma, aqueduto que recebia as águas de numerosas fontes e as levava de Maddaloni à Caserte, ao castelo de Ferdinand IV, o magnífico palácio de recreio dos reis de Nápoles, o palácio maior e mais suntuoso de toda a Itália. O jovem Gaëtano Carbuccia, vagando de coração leve, atraído pelo feitiço da natureza selvagem, a floresta profunda que se estende à perder de vista até quase o monte Vergine, lugar venerado de peregrinação; ele se tinha embrenhado no desfiladeiro do “val” de Gargano, esse vale clássico onde ele se torna a famosa e estreita passagem de Fourches Caudines.

Gaëtano Carbuccia não pensava sobre os Samnites nem nos Romanos dos tempos antigos; ele procurava ninhos de pássaros. Ou, quando empoleirado nos mais altos galhos de um feixe, percebeu a vinda, um ruído que perturbava a solidão da floresta, duas carruagens que tinham saído da estrada e que atravessavam com dificuldade os maciços de arbustos, as rodas quebrando tudo onde os cavalos podiam passar. O local não era um lugar para passeios, principalmente com viaturas; assim, o garoto permaneceu quieto, dissimulado pela folhagem, e tinha a curiosidade despertada para o que esses estranhos excursionistas teriam vindo fazer. Logo mais, as carruagens não podiam avançar mais; os cavalos foram parados; seis homens ao todo desceram das carruagens e se dirigiram até uma clareira onde o olho de Gaëtano os distinguiu perfeitamente; do seu observatório, ele os via à vontade.

Um desses homens tinha nas mãos um par de espadas. Ele as entregou a dois de seus companheiros, após algumas preliminares, das quais o garoto não entendeu nada. Ele não sabia ainda que se tratasse de um duelo. Os dois indivíduos que estavam armados haviam tirado os sobretudos e as casacas, despidos assim até a cintura; depois se alinharam, cruzando as lâminas, aguardando um sinal. Os outros quatro não se afastaram dos combatentes; havendo mesmo dois que se tinham aproximado bastante de um dos adversários; pareciam ser seus amigos, pois lhe haviam apertado a mão antes da distribuição das espadas e tinham descido da mesma carruagem que ele. De repente, os dois se atiraram sobre ele, cada um o agarrando por um braço.

Os dois outros, se juntaram a eles, o subjugando. O homem desarmado gritava, com vivo desespero, mesclado com cólera.

-Tu podes gritar lhe disse o que havia guardado a espada; ninguém te ouvirá... Nós te temos enfim à nossa mercê... Tu vais morrer...

- Isto é um assassinato, gritou o outro; vós me enganastes, vós celerados!...

- Es tu o celerado! Responderam. Sabemos a já três meses que tu nos traíste. Tu te vendeste a Ferdinand!...

E em quanto quatro deles seguravam o combatente desarmado, o quinto lhe mergulhava a espada no peito. Um último grito da vítima, caindo, e isso foi tudo. O levantaram; o transportaram; colocaram-na carruagem que o havia trazido, e os assassinos, chicoteando os seus cavalos, se afastaram.

O jovem Carbuccia tremera, ao assistir à essa cena, da qual não perdera nem um detalhe; mas evitou fazer o mínimo movimento que pudesse revelar sua presença. Ele não desceu de sua árvore, antes que os homens estivessem bem longe.

Voltando à sua casa narrou à seu pai o que havia presenciado. Este lhe recomendou de jamais falar à esse respeito com quem quer que fosse. No dia seguinte, em Maddaloni, falava-se de um duelo que teria ocorrido, ao que parece, no vale de Gargano, entre indivíduos de Caserte, duelo onde um dos dois adversários tinha sucumbido. O pai de Carbuccia recomendou ainda mais severamente à Gaëtano de jamais mencionar o que sabia.

-Se tu falares, disse ele, farás vir uma desgraça.

## O diabo no século XIX

O garoto permaneceu mudo; mas ele havia guardado, profundamente gravados, em sua memória, os traços do homem cuja espada de duelista tinha sido uma arma de assassino. Dois anos depois, ele reencontrou o homem em Caserte; e o reconheceu sem quaisquer dúvidas. Mais tarde, o reencontrou novamente, em várias ocasiões. Ele jamais disse nada à pessoa alguma; mas terminou por saber quem era o homicida; era um liberal, um adversário do rei de Nápoles; não se suspeitava que fosse um conspirador.

Depois o garoto cresceu. Ao sair do instituto técnico, foi admitido em uma importante fábrica de estofos de seda de Caserte. Uma vez, na época em que Gaetano tinha se transformado em um rapaz, lhe apareceu diante dele o homem, cujo crime ele conhecia; Gaetano tinha vinte e cinco anos; o assassino do vale de Gargano era um dos chefes carbonários, que combatiam o governo Bourbon; ele tinha tido um papel público na insurreição de 1860; ele ataçava os Napolitanos à acolher os Piemonteses como libertadores.

Garbuccia, não se interessava pela política; era-lhe completamente indiferente de ter por rei o folho de Ferdinand ou Victor Emmanuel; ele não tinha votado nem a favor nem contra a anexação das Duas Sicílias ao reino da Itália. Mas da sobre a misteriosa e trágica aventura que havia testemunhado há dez anos, ele conservava sempre a idéia de que os carbonários assassinavam os que eles consideravam ter falhado ou ter perdido os seus sentimentos de sectários. Por nada deste mundo, ele não se fazer receber carbonário. O leitor sabe quais foram as suas hesitações antes de consentir em entrar na franco maçonaria; e por isto, em seu espírito, ele considerava as duas sociedades como distintas. Foi-lhe necessária a sua admissão a um grau da maçonaria cabalística, para ficar sabendo que os carbonários eram uma simples variedade dos franco maçons. Ele ficou surpreso, quando teve acesso às reuniões teurgistas da Palladium, ao ver os areópagos ocultos abrir de par em par as portas aos carbonários e aos membros de outras sociedades do mesmo gênero. Foi somente assim que soube, em constatando, que todas essas associações têm por finalidade por pouco que seja a prática secreta de uma religião demoníaca, seja obras de espiritismo saindo das banalidades dos médiuns de salão, seja a conspiração política, se comunicando uns com os outros através seus membros investidos dos altos graus. Isso foi suficiente, com efeito, e eu mesmo fiz essa experiência, de ser, por exemplo, mesmo que a título honorário, “Chevalier du Lessingbund” da Alemanha ou Hierarca (chefe sagrado) na “Masonic Veteran Association d’Amérique, para me abrir as portas, ao seio de não importa qual a sociedade regularmente constituída e funcionando de modo permanente; assim um chefe nihilista russo, viajando para o Canadá, será recebido, sem a menor dificuldade entre os Old Fellows, do qual o chanceler do Conselho Supremo lhe emitiria expressamente um “Bref de Bom Accueil”; um Ré Theurgiste Optimate, investido do grau de Mage Elu, e tendo sua patente visada pela Sereníssimo Grande Colégio dos Maçons Eméritos sediada em Charleston, será acolhido fraternamente, e o que é de mais, com deferência, mesmo entre os Fakirs da Índia, e, na China, entre os altos filiados da San Ho Iioei.

Eis porque, Carbuccia, que, nas diversas assembleias ocultistas, tinha tido por diversas vezes a oportunidade de se relacionar com carbonários, recebidos como visitantes, Carbuccia, a quem a lembrança do pseudoduelo criminoso no vale de Gargano tinha ficado indelevelmente gravada, havia julgado necessário à sua segurança em se transformar em um novo homem e abandonar para sempre a Itália e retirando-se das seitas de que havia sido cúmplice. Ele chegara a se arrepender; mas não tinha ainda esta fé completa que é inacessível ao temor, que faz menosprezar a morte. Que dá uma confiança inquebrantável na proteção de Deus.

Mas, antes de empreender a narração do que eu vi, - com os meus próprios olhos, repito, - e juntando o que eu recolhi seja da boca de Carbuccia seja a de outras testemunhas, parece-me necessário dar ao leitor algumas explicações sobre o ocultismo, fazer uma rápida classificação das suas principais práticas.

Dentro de um trabalho como este, não seria bom publicar, seguindo estritamente a ordem cronológica, os estudos e as descobertas do autor. Eu, com efeito, aprendi e constatei certas coisas, pertencentes a esta ou aquela classe da magia moderna, e aquela, que conheci fora de toda a

## O diabo no século XIX

progressão regular dos fatos, ou seja, por acaso, no decorrer das minhas visitas dessas diversas sociedades secretas, no decorrer das minhas numerosas viagens. Anotar minhas observações pelas datas seria correr o risco de submeter ao público uma obra confusa; somente os iniciados poderiam se reconhecer. É, pois mais lógico, que depois de narrar a minha primeira incursão nesse mundo desconhecido, de classificar as revelações que irei fazer, por categorias; e vou primeiramente indicar as grandes divisões.

Este livro não poderá ser muito claro, pois a sua finalidade é a descerrar as coisas mantidas ocultas com o maior ciúme. O autor deverá também se colocar diante das críticas de pessoas que serão tentadas de contestar com suspeita, arbitrariamente, antes mesmo de qualquer leitura, a veracidade desta obra de divulgação. Procurei prever todas as objeções, como também as dos que acreditam como as dos cétricos.

Uma das banalidades dos espíritos fortes contemporâneos é a que consiste em se dizer caçoando:

- Os feiticeiros! A magia! As invocações! Tudo isso é a repetição da velha história! Isso era bom para a idade média. No século da eletricidade e das estradas de ferro, já não existe mais nada disso aí. Os mortos descansam em suas sepulturas, não existem mais pitonisas, e Satã ele mesmo já não aparece mais, mesmo que algum alienado o invoque.

Os cétricos e os incrédulos é que assim falam!... Existe pessoas que se recusam á acreditar no sobrenatural, até mesmo se colocados na presença de um fenômeno indiscutível. São conhecidas as palavras de um ateu célebre:

Eu não acredito em nada; mas, se eu for testemunha de um fato sobrenatural evidente, eu acredito que enlouqueceria.

Um raciocínio como este denota uma opinião pré-concebida assumida no mais alto grau. É claro, que não se pode acreditar em tudo que se conta em matéria de espiritismo; mas a Igreja, ela mesma nos ensina que, nessas práticas, há quase sempre embuste, havendo ainda algumas vezes casos sobrenaturais reais, que emanam da ação de demônios.

Os cétricos, isso é verdade, não se comprometem neste terreno; eles negam categoricamente, e isso lhes é suficiente. Pode-se lhes responder que eles negam sem examinar, provando assim nem mais nem menos a sua ignorância. Encastelados nas suas opiniões pré-concebidas, ignoram que a magia, branca ou negra, "theurgie" ou "goetie", têm adeptos mais do que nunca. Eles não sabem estabelecer uma linha de demarcação necessária entre os diversos praticantes do espiritismo.

Ou, as pessoas que se dedicam às invocações se dividem em duas classes bem distintas:

1o. Os charlatães fazendo obra de embustes, onde os truques mais ou menos hábeis acabam sendo sempre desmascarado, o que nos faz dizer que o espiritismo e outras pretensas ciências, do mesmo gênero, são praticados por mistificadores em detrimento dos ingênuos mistificados.

2o. Os ocultistas, que só operam com grande mistério entre iniciados cuidadosamente escolhidos, e que, ao contrario dos espíritas comuns, ocultam as suas reuniões, bem como os resultados obtidos.

Os cétricos ainda podem escarnecer das maroteiras de que são vítimas os espíritas afetados, e eles concluem então pela não existência de práticas diabólicas em nossa época. Eles falam assim sem o saber, sem conhecer, na verdade perturbados; e se eles se derem ao trabalho de se informarem, de efetuar uma pesquisa como a que eu fiz, eles teriam logo mais trocado de opinião.

Deve-se considerar que o ocultismo está em plena ascensão na Europa, na Ásia, na América, em todas as regiões, em todos os países do mundo. Há antros em plena Paris; e M. Huysmans, embora

## O diabo no século XIX

ele tenha consagrado no ano passado um volume para esta questão, não inventou nada, ainda que tenha dado à sua obra a forma de romance; as missas negras dizem ser bela e bem feita; o satanismo tem seus fieis, seus entusiastas. É horrível, é abominável, mas é assim mesmo. Um grande número de sacerdotes, a quem qualquer um desses desgarrados se aproxima, em um dia de loucura salutar, para fazer suas terríveis confidências, o sabem; e se eles se calam ou ocultam, é porque são ligados ao sigilo da confissão. Os religiosos têm, principalmente, a especialidade dessas confidências; os infelizes que voltam a Deus, depois de terem voluntaria e conscientemente servido o diabo, se dirigem quase sempre à um monge, de preferência à um membro do clérigo regular, para reencontrar a paz de suas almas, implorar o perdão, se oferecer à expiação; é um fato constatado. Os cétricos não tendo o hábito de consultar os sacerdotes e menos ainda os religiosos, não sabem absolutamente nada do que se passa nos antros do ocultismo, absolutamente nada.

De outro lado, são os católicos, - espíritos um pouco superficiais, é verdade, e que pensam da seguinte maneira:

- A quem o demônio se manifesta? Porque se manifestariam? À que tendem os esforços do inferno, que são o de subtrair o maior número possível de almas ao céu. Eis um ateu: o diabo não tem nenhum interesse em aparecer; ele tem certeza de ter a sua alma, pois este homem se obstina na sua descrença; aparecer-lhe, seria obrigá-lo a constatar o sobrenatural, e este homem, que pode ser sincero na sua ausência de fé, iria certamente a Deus, refletindo sobre a eternidade, a imortalidade da alma. Eis, ao contrário, um crente, um bom cristão: Satã não tem nenhum interesse, em se manifestar visivelmente à ele, ele é muito inteligente para cometer essa inconveniência; o cristão convicto o irá repelir com horror e amarà à Deus ainda mais ardentemente, com toda a sua fé, se resguardando ainda mais vivamente das tentações do pecado.

Raciocinando assim a maior parte das pessoas não mais pertencem à categoria dos incrédulos. Veja-se, esse raciocínio pode ser tão falso quanto às negativas dos cétricos sejam temerárias e vãs.

Assim, torna-se necessário informar a essas pessoas que estão em contradição com os próprios ensinamentos da religião. Deus dá certo poder aos demônios, cujos limites estão definidos pelos concílios: assim, não lhes é permitido responder aos apelos de um homem invocando um morto e de lhe abrir, por menos que pareça, as portas do inferno; voltando-se à dizer que um falecido, mesmo amaldiçoado, não se mostrará ao espírito que invoca; e ainda menos, um falecido que, por seus méritos, tenha sua alma recebida na morada dos bem aventurados; mas os demônios podem, e é assim que eles procedem, diz a Igreja, ocupar o lugar dos mortos, cuja aparição é solicitada por meio de invocações repreensíveis, em todas as épocas condenadas pela religião; o espírito satânico poderá talvez um resultado, mas ele será o logro do espírito maligno.

Em seguida, é admitido pela Igreja que os anjos decaídos se manifestem aos humanos, mesmo que sem qualquer chamamento. Os teólogos hagiográficos citam, em profusão, os casos de aparições diabólicas, cujo alvo eram os santos, aparições nas quais os santos têm alcançado êxito em repeli-las e vencer. Neste século XIX, o R. P. Jeandel, superior geral dos Dominicanos, chegou a ver Satã cara à cara, em uma sociedade não religiosa que tivera a coragem de visitar; esse venerável religioso o confirmou, seu relato bastante pormenorizado existe e tem sido muitas vezes reproduzido; um católico crente sincero, ousaria taxar de falsidade um testemunho assim abalizado? O abade Vianney, o bem aventurado cura de Ars, falecido em 1859, bastando apenas mencionar o seu nome, era quotidianamente assediado pelo príncipe das trevas, contra o qual ele tinha de sustentar verdadeiros combates não espirituais, mas bem materiais.

Que um cétrico encolha os ombros na leitura do relato do R. P. Jeandel, ou da biografia cura de Ars, isso é o seu papel: mas um católico convicto não poderá senão se inclinar.

Ou ainda, que os católicos superficiais, inclinados à dúvida, ignorem, tal como os cétricos de pensamentos pré-concebidos, é que afora os espíritas de salão, espíritas de passa tempo, há ainda

## O diabo no século XIX

esses ocultistas cujas práticas atrozes, execráveis, são encobertas nos mais profundos mistérios. Esses homens, de senso moral completamente pervertido, creem em Lúcifer; mas eles o crêem igual a Deus, e lhe rendem um culto secreto. Muitos bispos, ainda vivos, têm provas dessa religião satânica, e que têm denunciado abertamente; essas provas são forçosamente incompletas, tendo sido arrancadas aos pedaços, se é que se pode assim se expressar; entretanto, elas existem em número suficiente, para que possam ser vitoriosamente opostas às negações de interesse ou aos sorrisos dos ignorantes. Por minha vez, eu apresento o meu testemunho; eu escreverei simplesmente o que eu vi, eu relatarei o que eu tiver compilado; o leitor será o juiz. Acredito que servirá para separar os fenômenos verdadeiros da confusão das trapaças. Eu serei um narrador fiel, e imparcial.

Chego assim à classificação das práticas ocultistas, explicação essa necessária para que o leitor possa me acompanhar através o labirinto complexo dessas obras de uma impiedade infernal. Perdoará esta explanação; além do mais, será breve; os desdobramentos relativos a cada ramo do ocultismo, tal como são professados e exercidos no século XIX, virão naturalmente e no decorrer desta obra.

O ocultismo moderno não é outro senão a cabala, ampliada pela magia que nunca deixou de ter os seus adeptos mais ou menos declarados.

**A CABALA**, é a ciência oculta propriamente, é a teologia secreta dos iniciados, Teologia essencialmente satânica; é em uma palavra a contra teologia. O Deus dos cristãos é, aos olhos dos cabalistas o príncipe do mal; e, para eles, o Bom Príncipe, o verdadeiro Deus é Lúcifer.

De outro lado, a cabala tem como consequência imediata a magia, ou a arte de comerciar com os espíritos, com os entes sobrenaturais.

Não se poderá ser um cabalista fervoroso, convencido, ser se tornar em pouco um mago, e sem se afastar das práticas do ocultismo.

Não pretendo dizer que os nossos cabalistas ou magos contemporâneos se afastem de todas as praticas dos diversos ramos do ocultismo; o que ocorre é que estão totalmente abandonadas; são outros que têm o monopólio deixado aos charlatães que têm consultórios sofisticados para atender as pessoas supersticiosas. Porém, um grande número dessas práticas, e precisamente as perversas, as mais criminosas, são em honra e realizadas nos antros escondidos dos nossos modernos luciferianos.

A magia comporta duas divisões:

- 1 A magia divinatória ou “mancique”
- 2 A magia operativa.

A magia divinatória se subdivide em numerosas ramificações, sendo as principais: a astrologia, a quiromancia, a antropomancia, a oneirocritie, a aeromancia, a hidromancia, a piromancia, e a cartomancia.

A magia operativa se subdivide também em muitas ramificações, sendo as principais: a alquimia. O magnetismo mesmeriano, diversos trabalhos em eventos, bem como diversas práticas supersticiosas não especificamente classificadas, a necromancia, e a teurgia.

**A ASTROLOGIA**, chamada por alguns de astromancia, é divinação pelos astros; sua prática, sua prática mais difundida é o horóscopo.

**A QUIROMANCIA** é a divinação pela leitura da mão. Encontramos, em nossos dias, fora dos ocultistas, mesmo entre pessoas que, exceto os excêntricos, crédulos honestos, que imaginam que o futuro de um homem possa estar escrito nas linhas de sua mão.

A **ANTROPOMANCIA** é uma prática mágica desaparecida, e como tal confirmada, e que tem, na sua história, um sem número de abominações selvagens; ela era a divinação pelo exame das entranhas de um ser humano estripado vivo. Gilles de Retz é acusado de se dedicar a essa prática, na pessoa de crianças que ele atraía ao seu palácio Isso é da Idade Média. Mas no começo deste século, encontramos um sinal de uma infâmia similar. Não em crianças, mas em um homem, um franco maçom, chamado William Morgan, que havia traído os segredos de seus irmãos, e que os mesmos degolaram, depois de o haverem atraído a uma cilada (setembro 1826); esse infeliz, encarcerado em uma masmorra, foi torturado durante vários dias e várias noites; como último suplício, ele foi estripado; seus algozes eram cabalistas dos mais altos graus da seita. Hoje, foi erigido um monumento em memória da vítima, em uma das praças públicas de Batavia, no estado de New York; a estátua de William Morgan, inaugurada solenemente em 1882, foi o resultado de uma subscrição aberta pelo New York Herald, que inseriu em suas colunas o relato obtido em uma pesquisa bastante completa sobre o assassinato desse infeliz.

A **ÖNEÏROCRITIE**” ou a **ÖNÉÏROMANCIE**” se refere à interpretação dos sonhos. Esta falsa ciência, de certo modo derivada do ocultismo, é seguida nos dias de hoje e publicamente por vigaristas vulgares que enganam os ingênuos. Ela é semelhante às quatro outras formas de magia divinatória: a aeromancia, divinação pelo estudo do ar e dos fenômenos aéreos; a hidromancia, divinação pela água, e líquidos; a piromancia, divinação pelo fogo; a cartomancia, divinação pelas cartas.

Não me entra na cabeça de me estender sobre os processos empregados pelos operadores mais ou menos grotescos usados na prática dessas falsas ciências. É necessário ter o cérebro pelo menos um pouco danificado para se imaginar que o futuro possa ser lido nos sedimentos do café, na inconstância das chamas de um braseiro, na ordem infinitamente e arriscadamente variável das cartas tiradas de um baralho usado e ensebado, como também no formato bizarro das nuvens impelidas pelo vento. Os operadores, dos quais alguns possuem conhecimento das regras estabelecidas pela prática desses absurdos, são os primeiros a não acreditar na sua arte; e quando conseguem captar a confiança dos seus clientes lhes contando particularidades íntimas e assim os surpreendendo vivamente, é apenas pela conivência de um informante que lhes fornece esses detalhes; e algumas vezes, quer o operador seja um farsante hábil ou um espertalhão maroto, o fato de ter uma inteligência superior que ter sido melhor empregada em coisas melhores, o fato de uma experiência especial adquirida na frequência à esses eternos tolos, que se deixam levar pelo nariz, sem se incomodar com nada deste mundo.

Assim, será com muito esforço que irei passar próximo dessa turba de exploradores, tratantes de diversas categorias, e de pouco interesse. Essas bagatelas de porta de rua, desdenhadas pelos ocultistas verdadeiros, têm realmente pouca importância para merecer um exame mais profundo. Isto é extremamente importante para desvelar os satanistas, ignorados pelos demais, e cujas seitas mudam de nome de conformidade com o país, mas que constituem na realidade uma só e mesma religião secreta e demoníaca que, com os seus fanáticos, se sacrificando cegamente, dominados totalmente pelo espírito do mal, o tanto que ele já possui as suas almas. Mostrarei essa singularidade dos ritos luciferianos, que em tudo se parecem se copiam, nos lugares os mais diferentes de usos e costumes; e isto à um tal ponto, que mesmo prevenido por Carbuccia, fiquei estupefato, depois de tremer de horror ao assistir certas práticas nas Índias e na China, e de as reencontrar entre os teurgistas civilizados da América e da Europa.

Dentro da magia divinatória, não é somente na astrologia em que crêem alguns dos verdadeiros ocultistas; e ainda assim, os que a praticam o fazem em caráter individual. Tal, o famoso Adriano Lemmi, grão mestre atual da franco maçonaria italiana, que é um cabalista despeitado, usando para os seus cálculos horoscópios o tempo que tinha livre entre duas circulares para as lojas e arriere-loges contra o Papado.

O que irei divulgar, principalmente, nesta obra são as práticas da magia operatória de nossos dias.

## O diabo no século XIX

E antes de tudo, é necessário mesmo de não se mencionar a alquimia senão para informar ao leitor que no que concerne à esta arte misteriosa será objeto de um estudo em separado. Os alquimistas parecem ter criado seu próprio tempo; de minha parte, nada encontrei no decorrer das minhas pesquisas. Eu me limitarei a dizer que a teoria peculiar da alquimia é conhecida como a “ciência hermética”, e que a meta dos iniciados é dupla:

Trata-se de descobrir a pedra filosofal, ou seja, uma substância destinada a transformar em ouro os metais não preciosos, e de descobrir também o ouro potável ou o elixir da longa vida, um licor maravilhoso destinado a prolongar indefinidamente a vida humana ou pelo menos dar à velhice as faculdades da idade viril.

Esta alquimia da velha escola, que se dedicava outrora à procura da pedra filosofal e do ouro potável, foi substituída, entre alguns adeptos do ocultismo contemporâneo, por uma química criminosa, que conta, entre os seus produtos, o “Manna di San Nicola di Bari”, um tóxico infernal de uso das sociedades secretas. Esses especialistas, de quem nenhuma polícia não conseguiu ainda encontrar o laboratório, - dizem que fica nas proximidades de Nápoles, - esses cabalistas demoníacos, que são malfeitores da pior espécie, destilam e misturam, em seu abominável laboratório, digno de Canidie e de Locuste, o vírus de doenças contagiosas, o veneno de répteis e o sumo de plantas malélicas; eles retiram dos fungos seu “humor” virótico e narcótico, da “datura-stramonium” seus princípios asfixiantes, do pessegueiro e do “laurier-amande” esse veneno que uma gota sobre a língua, no olho ou na orelha atua como um golpe de um raio, e mata um ser humano o mais bem constituído, o mais forte. Medea, a megera Toffana, a Voisin, revivem nesses celerados que aprimoraram a arte famosa dos envenenadores dos séculos XVI e XVII: eles aquecem em fogo brando o suco branco do “tithymale” um leite no qual as víboras tenham sido previamente imersas; eles têm seus fornecedores que pesquisam e recolhem com cuidado no decorrer de suas viagens e lhes trazem a seiva do “mancelnillier”, o suco da mandioca, os frutos mortais de Java; eles pulverizam o diamante e compõem misturas hediondas com os vírus e secreções inomináveis; eles sabem e informam os executores das vinganças ordenadas por chefes desconhecidos, como envenenar as plantas, como animais alimentados por plantas envenenadas têm sua carne preparada e, quando servidos por sua vez às vítimas designadas, lhes causar a morte sem que o veneno deixe qualquer traço.

Desde há muito, e bem antes dos médicos, eles conhecem os micro-organismos e suas toxinas; e depois de muito tempo ainda, os laboratórios de bacteriologia satânica funcionam, ou preparando culturas de bacilos ou soluções dos seus princípios tóxicos que, enviados para os locais onde houver um crime à executar, julgado necessário.

Por um hierarca, infeccionando com doenças mortais, adicionadas às bebidas, misturadas aos alimentos, em doses infinitesimais, e sem que se possa suspeitar dessa doença, natural na aparência seja a obra demoníaca do arcanjo decaído, o mais rancoroso inimigo da humanidade.

Tal é a alquimia moderna; e os homens honestos têm o dever de descobrir, e aos crimes que já tenha cometido. Não se preparam tais drogas para não as usar. Quem poderá descobrir a verdade sobre a Banque d'Ancone, do qual um relato foi publicado com rara coragem por M. Chantrel, nos Annales Catholiques, no boletim de 7 de Agosto de 1886? Quantos falecimentos inopinados, no decorrer desse processo tão emocionante como misterioso, e no qual estavam comprometidos muitos dos chefes de grupos cabalísticos italianos?

Eu terei, no decorrer desta narração, outras informações a prestar, não somente sobre os trabalhos criminosos dessa farmácia de envenenamentos, como também sobre uma divulgação diabólica que é exercida nos centros cheios de ignorância, em certas regiões atrasadas, propaganda essa que tem como escopo de impelir aos mais odiosos sacrilégios. É assim que com aversão à Jesus Cristo os sectários do ocultismo moderno têm procurado disseminar no Brasil, nos campos, uma superstição monstruosa. Os mestiços de baixa classe, que acreditam em qualquer um, não recorrem à feitiçaria como se fazia na idade média, nem à “jettatura” como ocorre na Itália ainda em nossos dias. Vejamos como isso acontece: se pega um sapo grande, da espécie de sapo de cornos, e se lhe administra o batismo, dando-se lhe o nome e sobrenome da pessoa que se considera ser seu inimigo; após isto, faz-se o batráquio engolir uma hóstia consagrada, que se deverá obter fazendo-se a comunhão na

igreja; o sapo é então envolto em argila e nessas condições enterrado seja sob a soleira da porta do adversário detestado e amaldiçoado, seja em um local de passagem diária habitual. Esse costume que não tem mais de um século se espalhou pela Europa, entre os camponeses de Portugal e mantido cuidadosamente pelos inimigos da religião cristã; entretanto os portugueses se servem de sapos de espécies comuns.

Não se pode, sem estremecer, nem pensar em outras práticas, onde o sacrilégio tem sempre o papel principal, e que os cabalistas modernos procuram por todos os meios introduzir entre os camponeses supersticiosos. Não muito longe de nossa capital, em uma pequena localidade chamada Bobigny, quase às portas de Paris, têm procurado doutrinar os horticultores que levam todos os dias suas hortaliças à Halles; Essa cidade é um foco do ocultismo; seus adeptos não chegaram ainda aos sacrilégios, mas já se entregam à necromancia, com o acompanhamento de blasfêmias em suas invocações. Em um subúrbio de Lille, chamado de Fives, há também uma sociedade dita filosófica, cujo chefe é ao mesmo tempo peruqueiro e comerciante de vinhos, e que exercendo certa influência sobre as pessoas simples da classe operaria; esse filósofo peruqueiro, que não está de todo desprovido de pretensões políticas, sendo um mero luciferiano disfarçado de livre pensador; ele reúne em sua casa os homens do povo, faz-lhes pregações e os faz pisar um crucifixo sob o pretexto de que isto lhes dará sorte em pouco tempo.

**O MAGNETISMO MESMERIANO** é a medicina oculta dos cabalistas. Este ramo da magia contemporânea será objeto de um importante estudo especial nesta obra. Deve-se deixar claro, que não se deverão confundir os estudiosos que fazem pesquisas nos dias de hoje sobre o hipnotismo, a sugestão, no interesse da ciência, com os modernos seguidores de Cagliostro, cuja meta é a de procurar, a portas fechadas, distrações repreensíveis, muitas vezes imorais. O magnetismo científico é ainda uma questão obscura estudada pelos teólogos, fisiologistas e os criminalistas. Nessas condições os adeptos da magia nada têm a ver com isto; é uma variedade da obra subterrânea e satânica, que este livro vai colocar em dia.

A **NECROMANCIA** participa por sua vez da magia "mancique" e da magia operativa. Esta prática consiste na invocação de humanos falecidos. O espiritismo, a consulta às mesas falantes, são a necromancia. Mas, se todos os espíritas não forem necessariamente cabalistas, todo o cabalista é um doublé de necromante. Os católicos estão à mil léguas de acreditar nos progressos feitos pelos pelo ocultismo neste assunto. A franco maçonaria, que, pela sua própria essência, é anticristã, é, à cada ano, de mais em mais tomada pelo elemento espírita: é assim que em 1889, foi realizada em Paris, rua Cadet, no hotel do Grande Oriente da França, uma convenção internacional de franco maçons espíritas; com a presença de aproximadamente 500 delegados à esse congresso.

Para não se falar aqui senão da França, existem atualmente mais de 40.000 espíritas. O número total em todo o mundo é calculado em uns vinte milhões. Diz-se que os franco maçons franceses seriam pouco mais de 30.000, praticando diversos ritos. Deste número, 8.000 são ao mesmo tempo espíritas, e, pelo menos, uma boa metade deles seria originária da escola de Alexandria, são os espíritas luciferianos. Foi-me afirmado, em confiança, que existem mais de 5.000 adeptos da cabala moderna, fora as "arriere lojes" da maçonaria, somente na França.

Isto me permite enfim, de dizer algumas palavras sobre a **THÉURGIE**, que é o mais alto grau do ocultismo. Na necromancia, se se restringe à invocar a alma dos defuntos. Restando um degrau à vencer; é a idade, como o leitor deverá ter deduzido da leitura da minha introdução. Os theurgistes do décimonono século, que se intitulam Ré Théurgistes Optimates, invocam os demônios, qualificados por eles de gênios, anjos da luz, espíritos superiores, etc. Em suas assembleias, disseminadas por todo o mundo eles prestam um verdadeiro culto à Lúcifer. As três letras místicas **J.: B.: M.:**, que os simples iniciados veem nos templos maçônicos, são reproduzidos nos locais de reunião dos luciferianos; mas, elas não significam **JAKIM, BOHAZ, MAHABONE**, como nas lojas, nem **JACQUES BOURGUIGNON MOLAY**, como entre os cavaleiros Kadosch; em theurgie, essas três letras querem dizer : Jesus Bethlemitus Maledictus. A theurgie é puro satanismo.

## O diabo no século XIX

Entretanto, torna-se importante mencionar que os cabalistas admitidos aos mistérios da theurgie nunca pronunciam a palavra Satã; eles dizem Lucifer ou Lucif. Eles consideram heréticos certos adeptos dissidentes que invocam o diabo sob o nome de Satan; o sistema desses últimos se chama **GOETIE**, em oposição à theurgie. Os theurgistes dizem praticar a magia branca, e eles qualificam a goetie de magia negra.

É ao seio de um mundo, se não absolutamente ignorado na sua existência, pelo menos quase desconhecido, que irei fazer o leitor penetrar.

Algumas palavras mais como preâmbulo, e logo chego à minha narrativa.

Não se deverá imaginar que o ocultismo seja uma novidade; e não se deverá ainda o confundir com a maçonaria ordinária, das quais as lojas são principalmente clubes privados.

Muitos autores há já alguns anos, têm publicado livros sobre a franco maçonaria; alguns reproduziram seus rituais, outros emitiram zombarias às quais não faltava o sal, e outros ainda concentraram suas observações sobre diversas ocorrências; mas, nenhum desses autores, não tendo transposto o limiar da maçonaria oculta, a verdadeira, a dos graus cabalísticos, aquela que se comunica com todas as sociedades secretas, mesmo as não maçônicas, nem um pode escrever o seguinte :

- O ocultismo luciferiano é anterior a franco maçonaria; a franco maçonaria é sua filha.

Eis a verdade. E dou a prova de imediato. O presidente do conselho da ordem junto ao Grande Oriente da França, ou seja, o chefe supremo da franco maçonaria do rito francês, não será recebido, devido o seu título e a sua dignidade, e isto, mesmo que em uma reunião de um simples capítulo paládico; nem mesmo o presidente do Supremo Conselho do rito escocês, à menos que ao mesmo tempo possua ou seja portador de uma patente cabalística de grau, que comprove uma outra iniciação. Por outro lado, o premier Old Fellow vindo do Canadá, um Mage Élu da Ré Théurgie Optimate, um cavaleiro do Lessingbund da Alemanha, um filiado da San Ho Hoeï da China, um Faquir luciferiano da Índia, podem, à sua vontade, visitar lojas e "arrière-loges" da franco maçonaria ordinária, comum, em todos os países. Porquanto, em cada uma dessas seitas satânicas, a autoridade dirigente é exercida por chefes que pertencem, tanto uns como os outros, aos mais altos graus maçônicos dos diferentes ritos, graus esses que são na realidade para eles um complemento, e esses chefes, por solicitação de seus subordinados das sociedades luciferianas, lhes outorgam, "ad libitum", os diplomas necessários para serem recebidos, com a informação das palavras de passe, palavras sagradas, palavras semestrais ou as anuais de todos os ritos maçônicos do mundo.

O ocultismo luciferiano, que não é nenhuma novidade, levava outro nome nos primeiros tempos do cristianismo; se chamava Gnose, e seu fundador, era Simão o Mago.

Jesus Cristo veio ao mundo para trazer a luz, a verdade. Frente à sua Igreja, que regenerou o judaísmo, Satã ergueu também o templo da contra religião. Os gnósticos não eram heréticos comuns; eles constituíam o anti-cristianismo. Para enganar a multidão, eram alegadas tais e tais divergências com a doutrina dos apóstolos; mas também, entre os praticantes da heresia, os chefes efetuavam uma seleção, e os iniciados aos últimos graus recebiam nos conciliabulos a portas fechadas, a revelação satânica. A Gnose leva a marca do selo de Lúcifer. Ela é contemporânea de São Pedro, o primeiro Papa, e tem continuado sem interrupção até os nossos dias, limitando-se a trocar a máscara, de conformidade com as dificuldades das épocas e dos governos. A franco maçonaria, ela mesma, à despeito da sua pomposa e ridícula lenda de Hiram, remonta apenas à 24 de junho de 1717, e seus sete fundadores, Desaguliers, Anderson, Payne, King, Calvert, Lumden-Madden, eram sete gnósticos, Magos da Rosa Cruz inglesa.

A Gnose é bem a mãe da franco maçonaria, que impôs a sua glorificação aos irmãos maçons das "arrière-loges"; e colocou a sua marca bem no centro do símbolo principal da associação. Com efeito, - e nenhum maçom me poderá contradizer, pois eu visitei lojas, capítulos e areópagos de todos os

## O diabo no século XIX

ritos, - e com efeito, o emblema mais em evidência que se nota em se entrando em um templo maçônico, é aquele, que nos sinetes, nos rituais, por toda a parte enfim, aparece no centro entre o esquadro e o compasso entrelaçados, e que é uma estrela de cinco pontas, no centro da qual brilha a letra "G". Esse signo simbólico é chamado de Estrela Flamígera. Dão-se aos iniciados diversas explicações quanto à esta letra "G". Nos graus inferiores, ensina-se que significa Geometria. Aos irmãos que aparentem ser capazes de guardar o segredo, reservado a alguns eleitos, da visitação das lojas andróginas, se revela que a letra mística significa Geração. Enfim, aos arrebatados, julgados dignos de alcançar o santuário dos cavaleiros Kadosch, aprendem que esse "G" enigmático é a inicial da doutrina dos perfeitos iniciados, Gnose. Não se trata de uma comunicação de pura fantasia: é realmente Gnose o sentido verdadeiro do "G" da Estrela Flamejante; assim, à partir do grau de Kadosch, palavra que em hebreu significa consagrado, os franco maçons se consagram à glorificação do gnosticismo, que o anti papa Albert Pike assim definiu :

- O gnosticismo puro é a alma e a espinha da franco maçonaria.

Acrescentemos que os mistérios de gnosticismo antigo são conhecidos desde há muito tempo, e publicados pelos eruditos. E vá lá, entre a Gnose das primeiras eras da Igreja e o ocultismo moderno, não existe nenhuma diferença, que eu tenha constatado.

O princípio fundamental do gnosticismo é a divindade dupla; sendo essa exatamente a tese teológica do ocultismo moderno. Os gnósticos pretendiam que o bom deus fosse Lúcifer e que o demônio era o Cristo; e o que nós os cristãos chamamos de vício, era para eles a virtude; ao dogma cristão eles opõem a gnose, palavra essa que significa ciência humana. Assim, em suma, eles assumem a contra partida dos ensinamentos da Igreja, como os Old Fellows, os Ré Théurgistes Optimates, os Faquires luciferianos bem como outros ocultistas do décimo nono século, dos quais visitei as assembleias durante onze anos.

As reuniões gnósticas, secretas, levavam à depravação; os adeptos se entregavam a todas as torpitudes. Sobre esse assunto, e no que concerne ao ocultismo moderno, guardarei silêncio, pois escrevo um livro que poderá ser lido por todos. Mas, para demonstrar que a Gnose é realmente satânica em alto grau, eu me limitarei a recordar que a obscenidade aceita, desejada, refinada, é a marca comprovante da influência direta do arcanjo decaído; todos os teólogos concordam nesse ponto.

E ainda mais, a magia é praticada pelos gnósticos; eles invocaram defuntos, os espíritos malignos, da mesma maneira que os ocultistas deste século. O cristianismo nascente era fecundo em milagres; para combatê-lo, os discípulos da Gnose, recorriam aos eventos diabólicos. À esse respeito ainda, os espíritos contemporâneos, com as suas mesas falantes, com as suas aparições demoníacas, não seriam eles gnósticos encobertos por um outro nome?

O gnosticismo tem os seus doutores. Como tal, Basilide de Alexandria, que viveu dos fins do primeiro século aos começos do segundo. Basilide ensinava a "Metempsychose". Pelo pouco que estudamos o seu sistema, se observa que tem numerosos pontos de semelhança com os dos espíritos do décimo nono século: estes não inventaram nada; eles copiaram o gnosticismo até em sua teoria de transmigração de almas. Eu sou Platão reencarnado, afirmava Basilide. Eu vi, eu que escrevo estas linhas, ocultistas pretenderem ser Robespierre ou Franklin retornados a terra. Qualquer um que tenha assistido às reuniões dos theurgistas modernos poderá atestar que a reencarnação está ainda como a teoria do dia.

Após Basilide, temos Montan, que faleceu em 212. Montan era um grande mestre na arte satânica da divinação. Cagliostro não era senão um arremedo de Montan. O rito de Misraim (franco maçonaria dita egípcia) copia servil, nos seus graus cabalísticos, todos os exercícios fantasmagóricos de Montan e seus discípulos. O doutor gnóstico mergulhou nos seus êxtases; até poderíamos dizer que, se estivesse vivo em nossos dias, as pessoas que se submetiam ao magnetismo dos médiuns nunca chegariam ao êxtase, ao grau de perfeição alcançado por Montan. Em todo o caso, ele não foi ultrapassado pelos extasiados hipnotizados que eu encontrei nas reuniões de ocultistas.

## O diabo no século XIX

Montan tinha instruído duas mulheres, que eram suas cúmplices. A história nos trouxe seus nomes, chamavam-se Maximilla e Priscilla. Os gnósticos acorriam em massa, para admirar suas contorções dignas de epiléticos; elas portavam a "hieranose", a doença sagrada. Nas reuniões da seita, elas caíam em frenesi (delírio), e depois profetizavam. Consideravam-nas como duas santas do satanismo. Representavam elas um papel, ou eram elas realmente possuídas? Eis uma questão de difícil resposta. Os sectários desfaleciam ao vê-las e ao ouvi-las; eles escutavam os oráculos dessas duas míseras criaturas; eles se regozijavam quando Montan lhes dizia que eram manifestações do espírito.

Os theurgistes modernos não têm mais à Montan; mas têm o ex pastor Walder, anabatista impenitente, hoje mórmon, que reside nos Estados Unidos, em Utah, que é o doublé de John Taylor e um dos mais ativos propagadores do Paladismo, feoma semi-maçônica do ocultismo luciferiano; o Rite Palladique Réformé Nouveau é, e o leitor o viu no índice, o título oficial exterior de uma inumerável confraria de theurgistes cujo diretório central está situado em Charleston.

Esse Philéas Walder, que é um dos mais desagradáveis espécimes da espécie humana que vi até agora, tem uma filha, Sophie Walder, que deverá ter no presente perto de uns trinta anos, e que é palavra, tão bonita como o pai é horrível.

O ex-pastor levou sua filha para o satanismo puro; foi o próprio Albert Pike que a iniciou, jovem ainda; após isso, os ocultistas dos Estados Unidos a lançaram na Europa. Ela é a rainha de todas as reuniões cabalísticas; ela passeia sua graças pela França, na Bélgica e na Suíça; em todos os lugares, os Kadosch luciferianos lhe fazem festa.

Ninguém sabe do que vive. Tudo é mistério nessa filha estranha, que me impressionou, desde a primeira vez que assisti a uma reunião quase presidida por ela, como uma fada saída do inferno.

Eu a estudei de perto e por um longo tempo, a essa Sophie-Sapho (seu nome no ocultismo); mas para mim ela nunca deixou de ser um problema. Os casos de Lucille assuntam bem conhecido do magnetizador Donato, é facilmente explicável; todo médico se inteira facilmente das coisas. Sophie Walder é incompreensível: ou ela é a mais incomparável artista em trapaças que existe no mundo; ou ela é qualquer coisa que escapa do natural.

É a ela, sem nenhuma dúvida, que o Paladismo deve sua rápida expansão na França, na Suíça e na Bélgica. Os ocultistas parisienses principalmente não sabiam à que diabo se dirigir, quando perderam o seu último chefe, o ex-abade Constant, sacerdote apóstata. O horrível Walder acorreu de Charleston, com a sua filha; reuniu alguns luciferianos, de quem Albert Pike lhe tinha endereços; e ao cabo de três ou quatro sessões, o recrutamento tomou proporções inusitadas; comentavam-se os eventos maravilhosos de Sophia-Sapho.

Walder, seu pai, como todo hierarca magnetizador, o endossa. Passam-lhe um ferro ao rubro por sobre os lábios; a carne não queima; Sophie não desperta. Nesse momento, como ela usa uma enorme gargantilha de ouro vermelho que representa uma serpente enrolada (que é o seu ornamento habitual nas reuniões theurgistes), que lhe é retirada, e lhe trazem então, dentro de um cesto de vime, uma serpente viva. O réptil sai do cesto, se dirige ao sofá sobre o qual Sophie, adormecida, está deitada sobe lentamente sobre ele, e toma o lugar da gargantilha; depois, após alguns silvos, o réptil, alongando a cabeça, abre a goela e a pousa sobre os lábios de Sophie, como que lhe dando um beijo. É nesse momento que ela desperta ou aparenta despertar. As pálpebras se entre abrem exageradamente; os olhos esgazeados parecem sair das órbitas. A boca espuma. Um acesso frenético espantoso a lança em loucas convulsões. Seus cabelos se eriçam na sua cabeça. E, com uma voz rouca, ela vomita imprecções e blasfêmias.

O acesso dura de oito a dez minutos. Ela se acha agora em pé. Terminado o acesso, ela permanece imóvel, reta como um I, rígida, os braços estendidos para frente. Colocam-lhe pesos consideráveis por sobre os braços; os braços os suportam sem se dobrarem, e o corpo não se inclina nem um pouco. Após isso, a serpente silva novamente, beijando novamente os lábios de Sophie; ela deixa cair os

## O diabo no século XIX

braços, ao longo do corpo. O hierarca magnetizador remove o seu vestido e a deixa nua até a cintura. É chegada a hora da divinação satânica.

Com uma vareta de ferro, sem ponta aguçada, o hierarca faz alguns movimentos como que escrevendo sobre o peito de Sophie a pergunta não previsível, colhida ao acaso dentre as depositadas pelos presentes por escrito em uma urna de cristal colocada no centro da sala. Em poucos instantes, as palavras formando a pergunta aparecem claramente, sobre a pele branca da jovem mulher. Qualquer um pode se aproximar e ler.

Durante esse tempo, a serpente silvava mais ainda, e sua cauda, que até o momento pendia imóvel ao longo da coluna dorsal de Sophie, se torce, e sua extremidade, como um lápis, correndo sobre a pele do dorso, parece escrever as letras, da mesma forma que a vareta de ferro do hierarca. É a resposta, que rapidamente aparece, sempre em letras de uma nitidez impressionante.

O vestido de Sophie é repostado, enquanto ela cerra os seus olhos. O hierarca a desperta. A sessão está terminada. À entrada e à saída, cada um promete guardar segredo.

Deve-se entender que não me considero de maneira alguma ligado a uma promessa dessa natureza. Mademoiselle Walder não me desejaria isso, nem poderia esperar por menos, de ter dado uma primeira vista das práticas à que ela se dedicou depois dos dezenove anos. Além disso, eu lhe reservei um capítulo inteiro da minha obra. Nas minhas divulgações, que serei obrigado ao estritamente necessário, não poderão, de qualquer maneira, lhe prejudicar. Outros autores já a mencionaram, mas sem lhe mencionar o nome. Eu a mencionarei pelo nome, como mencionarei o nome de outros. Eu me mantereirei dentro dos limites legais, e nem penso que a pequena explicação feita e que será lida contenha a mínima difamação.

Eu me alongarei sobre esses fenômenos estranhos, dos quais desejo citar um exemplo sem mais demora; irei dizer como médico, o tão pouco até onde se poderá ir nessas coisas, e onde começa o sobrenatural, à menos que não sobrevenha alguma trapaça. Por ora, devo mostrar que a velha Gnose está bem viva, e sob o nome de ocultismo. Quem seria mesmo Maximilla e Priscilla, e me pergunto, quão próximo de Sophie Walder?

Na última dessas sessões, - pelo menos, a última que eu assisti, nesse ano, - a pergunta apresentada à pitonisa luciferiana foi:

- Quantos Papas sucederão à Leão XIII?

E a resposta, em letras vermelhas que surgiram sobre a pele branca, foi:

- Nove, e depois deles eu reinarei.

## CAPÍTULO II

### O PROJETO DEFINITIVO DE EXPLORAÇÃO

O *Courrier de Chine* permanece vinte e oito dias em Marselha entre cada uma de suas viagens. Durante todo esse mês de repouso, eu me convencia cada vez mais da ideia que as confidências de Carbuccia me havia sugerido.

Acreditei ser útil, todavia, e desde o dia da minha chegada, de levar os meus projetos à um venerável eclesiástico, M. o abade Laugier, um de meus melhores amigos e o sacerdote à quem submeteria o meu drama de consciência.

O digno abade, devo mencionar, ficou inicialmente assustado com a minha resolução. O caso, além disso, e em sua opinião, era bastante delicado. Eu lhe mostrei o meu diploma dos altos graus cabalísticos da maçonaria oculta, e lhe assegurando que o havia simplesmente adquirido com belas moedas de prata contadas e que eu não havia, de modo algum, assumido qualquer compromisso contrário à minha fé. Isto não foi suficiente para tranquilizá-lo. Eu poderia, pensava ele, me encontrar em qualquer reunião e me encontrar em situação de cometer uma profanação; o desejo de conhecer, a qualquer preço, essas coisas misteriosas não me iria fazer esquecer o meu dever? E se eu me recusasse de ser cúmplice, não estaria me expondo à algum perigo? Essas as suas objeções.

Dei-lhe a minha palavra de cristão que, neste caso, eu sacrificaria a minha curiosidade. Esperava, ainda, de me safar com um pouco de habilidade das dificuldades que poderiam surgir. Na pior da hipótese, se a minha habilidade falhasse, e eu estivesse numa pior, eu não continuaria a minha exploração. Quanto à questão do perigo, levantei os ombros. Agindo para o bem geral, perseguindo senão uma meta, a de me colocar em posição de desmascarar uma contra religião de abominações e de crimes, eu me sentia com a consciência tranquila; eu já havia muitas vezes cortejado a morte, sem temor e se me encontrasse cara à cara com assassinos furiosos de verem seus segredos descobertos, bem, eu defenderia bem caro a minha vida.

O bom abade Laugier estremecia somente em me ouvir. Ele me havia conhecido criança, desde o meu sétimo ano; ele era o velho amigo da minha família. Ele me sabia incapaz de me deixar perverter por sectários, aos quais eu iria me juntar pelas necessidades da minha pesquisa de "visu". Nessas condições, acredito que no fundo, ele se preocupava mais com a existência do que pela minha alma. Apesar disso, voltou novamente sobre a doença, do ponto de vista religioso, a fim de me dar a sua aprovação. Confiar-lhe o meu intento, era, em suma, à de lhe pedir conselho; e já falava em consultar seus superiores eclesiásticos.

Neste ponto, eu me queimei. Sou um bom católico, é verdade, como todos os meus colegas da marinha; mas como todo marítimo, sou obstinado, digamos a palavra, cabeça dura; ou seja, confesso, sou teimoso. Curto, reconheço, eu tenho a cabeça malvada. Esta perspectiva não esperada de uma consulta geral me deixou revoltado. Meu projeto era todo pessoal; eu o tinha amadurecido durante a longa travessia; sua realização já começara, após o meu primeiro passo em Nápoles que tinha sido tão bem sucedido. Eu não duvidava, certamente, das boas intenções dos superiores do abade a meu respeito; mas uma palavra imprudente poderia escapar qualquer dia a um dentre eles; enfim, pode-se dizer que, uma empreitada como a minha deveria ser completamente ignorada para alcançar pleno sucesso. Insisti sobre este ponto, e o bravo e digno homem viu que perderia o seu tempo tentando me convencer da utilidade de uma consulta sobre o meu caso.

O abade Laugier tomou logo sua decisão. Acalmou-me, pois eu estava bastante irritado. E soltando um grande suspiro, levantou seus olhos para uma imagem da "Bonne Mère" que estava sobre a chaminé; e entendi pelo movimento dos seus lábios, que murmurava uma curta prece, pedindo sem dúvida aos céus uma superabundância de proteção para mim. A seguir, me reteve para o jantar, como tinha o hábito de fazer em cada uma das estadas em Marselha.

## O diabo no século XIX

Ele gostava, em geral, e bastante, dos longos bate-papos após a refeição, - aliás, bastante frugal, - no decorrer dos quais eu lhe relatava, como o dizia, as novidades de Dewus. A minha situação me colocava, com efeito, facilmente com todas as missões católicas do mundo inteiro, no Japão, na China, nas Índias, nas duas Américas e, como de sempre, eu nunca deixava de fazer uma rápida visita, de passagem, à esses apóstolos, esses pioneiros da civilização evangélica, e naturalmente, no meu retorno, eu tinha um grande número de novidades, conversas, histórias de catecúmenos para contar, sempre mais interessantes à ouvir contar do lê-las nas cartas.

Era sempre uma festa o dia da minha chegada à casa do meu velho amigo; colocavam-se os pequenos pratos dentro dos grandes; alguns mais íntimos, prevenidos desde a véspera se regalavam na casa do bom padre; e, à sobremesa, um grande número de fieis da paróquia aparecia para ouvir os meus relatos. Desta vez, eu tinha tido o cuidado de não informar previamente o abade Laugier. Ele se desculpou por me repreender por ter caído na casa dele como uma bomba; mas a natureza das minhas novidades excepcionais, sobre as quais iríamos conversar, ele logo as entendeu; principalmente depois do incidente que se seguiu a sua proposta de consulta, é que aceitei seu convite com a condição expressa de jantarmos a sós. E assim foi, e ninguém nos veio incomodar.

Eu tinha informado o abade a respeito do caso Carbuccia. Ele não ignorava a existência de sociedades onde se rendia um culto secreto à Lúcifer. Não lhe fiz assim nenhuma revelação. Mas ele não conhecia a organização do satanismo senão por ouvir dizer. De outro lado, ele conhecia vários casos isolados, onde a intervenção de demônios se havia manifestado, e os fez conhecer.

Falando dessas coisas sobrenaturais, ele me fez deixar escapar uma expressão de espanto, no tocante ao poder que Deus concede aos infernos.

Os fatos estão aí, me respondeu o meu venerável interlocutor; é necessário constatar-los. Porque Deus tolera tais ultrajes à sua divindade? Seus planos, suas providências são impenetráveis... Deus permitiu a Satã tentar a primeira mulher; ciumento da humanidade, o anjo do mal pôde assim introduzir a morte no mundo; foi ele que fez Eva sucumbir na prova ordenada por Deus... É pela permissão de Deus que Satã exerce certa influência sobre os outros anjos apóstatas como ele. Deus se serve dele, ainda, para experimentar os humanos, sem exceções em favor dos bons, e para castigar finalmente os maus... A Igreja nos ensina também que Satã é um espírito que enche de mentiras a boca dos falsos profetas e dos heréticos; que ele ou os seus demônios atormentam, inquietam os homens, ao lhe inspirar más ações, e podendo mesmo os possuir.; que se transforma em um anjo da luz, para melhor induzir à erro aqueles aos quais aparece; que tem o poder de causar inúmeras doenças, que nos ataca principalmente quando à morte, e conduz as almas dos maus ao inferno; que seu poder e sua malícia, subordinadas à vontade de Deus serão bem mais entendidos mais nos tempos do anticristo do que no presente; enfim que será julgado no último dia... É o que a religião nos ensina, ao reunir as passagens das Escrituras onde se fala de Satã... Nós não podemos julgar os desígnios de Deus; o nosso dever é o de aceitar...

Hoje em dia, prosseguiu o abade, quando nos encontramos diante de um fato sobrenatural, como poderemos reconhecer que seja ela uma obra da intervenção divina ou aquela proveniente da ação do demônio?... Por sua essência e pelo seu propósito, as obras do céu são sempre boas, em quanto que as obras do inferno são sempre más... Mas, como Satã é o príncipe da mentira, como, com o poder que Deus lhe adjudica, ele deve usar de subterfúgios, ao ponto, mesmo, de aparecer com todo o esplendor de um arcanjo celeste, a Igreja, para que tenhamos cautela contra esses embustes, nos fornece os sinais corretos que denunciam ação direta do espírito do mal.

E o digno sacerdote me enumerou diversos sinais que permitem reconhecer a intervenção demoníaca e evitar assim o pecado.

Desta maneira, a Igreja declara, se um individuo qualquer conversa em uma língua que jamais aprendeu, se descobre coisas distantes e escondidas, se faz valer de forças que excedam

## O diabo no século XIX

evidentemente as da sua idade e sua condição, poder-se-á neste caso desconfiar da possível presença de um espírito maligno.

O padre jesuíta Martin Del rio, doutor em uma alta ciência, e que tem tratado, com autoridade, dessas questões delicadas, nos deixou um resumo de ensinamentos dos mais eminentes teólogos. Resulta desses estudos que um prodígio é a obra do demônio, quando elas estiverem realmente acima das forças da natureza física, e quando, ainda, aquele que pretender provar por esses meios uma doutrina contrária à fé católica, quando não tiver por finalidade senão a de entreter os homens ou satisfazer a curiosidade e as paixões, e ainda quando produzida por meio de práticas cabalísticas, ridículas, supersticiosas, sem a invocação à Deus e à Jesus Cristo.

Desde que o magnetismo incorreu em abusos, a Igreja Romana se calou, e o Santo Ofício enviou instruções a todos os bispos do catolicismo. Neste sério documento, conforme me dizia o abade Laugier, encontramos também entre os sinais que permitem aos fieis reconhecer a presença e a intervenção dos maus espíritos: a pretensão da divinação e a predição do futuro; a possibilidade de descobrir coisas incomuns ou distantes; a invocação dos mortos; a visão de toda a espécie de coisas invisíveis; a pregação de uma nova religião.

Para terminar, a propósito das mesas falantes, o abade, em me citando um caso em que a mesa tinha dado respostas obscenas, concluiu nestes termos:

-As respostas obscenas são um dos sinais mais exatos, as mais infalíveis, nas quais todo cristo reconhecerá a intervenção de Satã.

O abade pensava que Satã manifestava de maneira sobrenatural sua ação bem mais cedo do que alguém poderia acreditar, e que muitos dos atos, à que os cétricos não tomam conhecimento, são na realidade estranhos, extraordinários, aos olhos de um observador atento.

Ele me contou como exemplo, um processo criminal, que havia apaixonado seus compatriotas meridionais em 1856, o processo Matraccia.

-Escutai, disse-me ele. Não se trata de um romance. E sim um processo que correu publicamente nos tribunais de Aix, um processo cujos debates foram publicados em todos os jornais da época. As coletâneas dessas publicações podem ser encontradas na biblioteca pública da cidade, onde qualquer um pode as consultar. Pois é, este processo revelou coisas inauditas, e o seu desenrolar foi acompanhado de circunstâncias singulares, igualmente relatadas pela imprensa de todas as tendências.

Esse Matraccia era um desses Italianos reconhecíveis ao primeiro olhar, negros de pele e pelo, de uma beleza sinistra. Preguiçoso e debochado não se conheciam sua posição social, não exercia nenhuma profissão. De que vivia? Isto continua um mistério. Ele ia e vinha da Itália para a França, da França para a Sicília para o Egito, de onde voltava de novo para a França. Seu quartel general parecia ser em Marselha. Quem quer que ele fosse, ele não pertencia a nenhuma maison de comercio; em suas viagens sem finalidade conhecida, gastava bastante dinheiro; e deve-se notar bem que no decorrer do seu processo não pôde justificar qualquer meios de subsistência.

Então, em 1856, teve contas a ajustar com a justiça francesa. Seu processo o fazia incorrer na pena de morte. Havia apunhalado, sem nunca o dizer por que, uma mulher com a qual tinha estado um dia, uma dessas infelizes que são a vergonha do seu sexo e cuja profissão ignóbil traz um nome que uma caneta honesta não escreve jamais à menos que forçada à tal e com grande desgosto.

## O diabo no século XIX

O motivo do assassinato dessa mulher não tinha sido o roubo; ela pouco ou nada tinha. Não se tratava nem de vingança, nem de ódio; o relacionamento entre ambos era excelente. Ele havia matado por matar; era o que se acreditava, e, no momento de sua prisão, pensou-se que estava louco.

- Mas, afinal, porque apunhalastes essa infeliz? Perguntou-lhe o agente de policia que o detivera, após o crime.

Matraccia lhe respondeu em tom grosseiro:

- Eu queria ter o seu sangue.

Quando o juiz de instrução procurou obter esclarecimento quanto à essa frase incompreensível, deixada escapar num primeiro momento de loucura, pelo choque de uma prisão inesperada, Matraccia pretendia não se lembrar de ter feito tal resposta ao agente; ele a negava; o agente manteve a sua deposição. A seguir Matraccia se recusou a explicar sob pretexto algum o móvel do seu crime.

Fui apanhado desta vez, rosnava ele; pior para mim!... Fui um desastrado!... Não nego o assassinato... Julgai-me logo, corte-me o pescoço o mais depressa possível, para mim é o mesmo; tudo o que peço, é que me deixeis ficar com o meu papagaio até a minha execução.

Matraccia tinha, com efeito, um papagaio, do qual não se separava nunca. Na rua, ele tinha sempre esse pássaro sobre o seu ombro, e os habitantes dos passeios públicos da cidade, principalmente os da Alameda Belzunce, só o conheciam pelo seu apelido de, o Italiano do papagaio.

O magistrado de instrução acreditava dever satisfazer essa fantasia do acusado; o seu papagaio foi o seu companheiro de cativo. Mas, para compensar, o juiz teve por bem de não pressionar a instrução, no que agiu bem.

Uma pesquisa minuciosa foi feita nos diversos países que Matraccia frequentava. Soube-se, através da policia de Nápoles, que era carbonário. Em Messina, havia assassinado um sacerdote, sem o roubar, e foi bem sucedido em se escapar das mãos da justiça siciliana, graças à conivência de um carcereiro, dizia-se. Este caso de impunidade nunca foi esclarecido e deu motivos no país a numerosos comentários. Mas o que mais marcou também, foi que, na véspera mesma do dia em Matraccia havia assassinado esse sacerdote, uma mulher de costumes fáceis havia também sido apunhalada, sem que nunca se tivesse identificado o seu assassino, que se tinha evadido à seu belo talante, após ter recolhido, - fato particularmente horrível, - todo o sangue que havia vertido da garganta cortada da vítima.

Na França, o misterioso bandido foi bem guardado. Ele compareceu às sessões do tribunal criminal para responder pelos seus malfeitos. Ele confessara o feito brutal, o crime, que não podia negar, é obvio, mas permaneceu obstinadamente calado sobre o resto. Debalde, se lhe perguntou o nome de seus cúmplices; pois parecia evidente que se estava em presença de uma vasta organização criminosa, assassinado com uma finalidade inexplicável.

A esta pergunta, Matraccia respondeu com um riso cínico, zombando da corte e dos jurados:

- Não tenho outro cúmplice senão o meu papagaio.

## O diabo no século XIX

Por uma deplorável condescendência, tinham-no autorizado a manter seu papagaio, mesmo durante as sessões do tribunal. E isto se tornou um espetáculo sem igual, o do acusado, sujeito em um processo criminal ao interrogatório do presidente, apresentando, sem os explicar, seus desmentidos as afirmações contundentes do ministério público, e trazendo esse volátil verde empoleirado sobre o seu ombro.

Nada é mais esquisito do que a fantasia que aparece às vezes nos grandes processos criminais. O presidente, que tolera que um verdadeiro bandido acusado de assassinato, compareça às sessões do tribunal com o seu papagaio sobre o ombro, é simplesmente espantoso. Mais recentemente, na própria Paris, viu-se a justiça se prestar aos caprichos mais absurdos dos acusados. Lembraremos apenas um caso célebre, conhecido por todos: o caso Tropmann, em 1870,. O autor do crime de Pantin, para adiar o mais possível a hora da expiação suprema, inventou histórias da carochinha; foi assim que declarou aos magistrados que, se desejassem conhecer a verdade sobre os motivos de seu crime, eles reveriam recuperar uma pasta contendo certos papéis misteriosos que dizia ter perdido. Ele exigiu o depoimento de uma sonâmbula à esse respeito; os magistrados deferiram essa solicitação; foi trazida uma sonâmbula ao Palácio da Justiça, um magnetizador a fez adormecer no escritório do juiz de instrução, que a interrogou, de conformidade com as perguntas ditadas por Tropmann. A sonâmbula deu respostas confusas, como seria de se esperar; e, em seguida essas respostas confusas, a instrução ordenou uma pesquisa que durou um mês inteiro na Alsacia, onde, como seria de se esperar, de onde nunca se recuperou a famosa pasta; mas Tropmann, graças à condescendência mais que inusitada dos magistrados, tinha ganhado um mês.

Esse papagaio do assassino tornou-se legendário. Todos os jornais da época o mencionaram, ao publicarem os debates. Era um pássaro surpreendente; ele dizia coisas extraordinárias, falava latim (sic); ele salmodiava, com uma entonação de paródia zombeteira, os salmos e orações da Igreja; no decorrer do “requisitoire”, ele interrompia o promotor, ao injuriá-lo obscenamente. Foi um escândalo. O presidente se cansou disso, e ordenou o afastamento dessa besta plebeia; mas Matraccia, por sua vez, jurou, blasfemou, se portando como um possesso e se retirou, acompanhado pelos gendármes, para fora da sala de audiências.

Matraccia foi condenado á morte. Ao ouvir a sentença, disse ao júri, em tom declamatório, que o fogo dos céus o vingaria.

Afinal, foi executado. Foi escolhido, para o suplício, um espaço amplo, situado no local mais alto da cidade, chamado de Plaine. Mais de trinta mil pessoas se comprimiram em torno do local da execução. A justiça fez levantar um cadafalso bastante alto. Matraccia foi levado á expiação suprema em uma charrete; ele tinha sempre o seu papagaio sobre o ombro.

Quando o carrasco assumiu, o papagaio não o abandonou. O assassino teve a cabeça decepada; mas o seu companheiro desapareceu ao mesmo tempo. As boas gentes, impressionadas, diziam que o carrasco e os seus ajudantes o viram desaparecer instantaneamente como uma bolha de sabão que se rebenta; mas isso seria sem dúvida um exagero; o pássaro maldito saiu voando simplesmente. O que quer que tenha sucedido, algum jornal noticiou posteriormente que o mesmo havia sido recuperado, e em seguida toda a imprensa anunciou sua presença sobre o patíbulo.

O que é mais peculiar, e que foi publicamente constatado, e autenticado, foi a brusca aparição de um cometa, no dia mesmo da execução de Matraccia, e que toda a cidade, desde a abertura do processo, denominara: Matraccia, o filho do diabo. Este cometa brilhou longamente com um vivo brilho. Perguntava-se se o mesmo não seria algum

## O diabo no século XIX

presságio de desgraça, de alguma ameaça diabólica contra os juízes do carbonário, incendiário de igrejas, assassino de sacerdotes.

Ocorreu nessa mesma época uma trama contra Mgr. o Bispo e M. o cura de Saint Victor; vários personagens suspeitos foram detidos, tendo a prisão relaxada posteriormente por falta de provas suficientes.

Tudo isso gerou em Marselha uma comoção que chegou á durar dois meses inteiros, ao fim dos quais o conselho municipal, para consagrar o ato necessário da justiça humana que havia suprimido o infame carbonário satanista, fez erigir uma estatua do arcanjo São Miguel matando o dragão, no mesmo local do suplício de Matracia, e o Plaine tomou o nome de Praça de Saint Michel, que conservou. A estatua do arcanjo foi retirada alguns anos depois.

Eis, concluiu o abade Laugier, o que se diz de Matracia; mas não foi nunca permitido de se falar que havia, de parte desse monstro, outras coisas além dos crimes comuns, e deveria considerar como coisas normais tudo o que ele fez para os seus propósitos?

O abade me explicou ainda que o diabo, um verdadeiro “mono de Deus”, - sendo assim, de resto, que o chamam todos os Padres da Igreja, - vem com uma espécie de amor próprio para replicar aos milagres dos céus com prodígios que seriam apenas uma grotesca imitação.

Jesus Cristo, quarenta dias depois de sua morte, subiu aos céus gloriosamente. Simão, o Mago, o fundador do gnosticismo, para mostrar publicamente que tinha á sua disposição poderes sobrenaturais, se elevou nos ares diante do imperador Nero e do povo romano: deve-se mencionar que esse evento alcançou êxito somente até a metade; Simon havia preparado sua ascensão até uma determinada altura, em quanto São Pedro que lá estava se pôs á orar, e logo mais o sectário de Lúcifer sofreu uma queda incrível, na qual fraturou ambas as pernas e pelo que faleceu pouco tempo depois.

Essas falsificações, pelo diabo, dos milagres celestes são inumeráveis, como me dizia o excelente abade. Mesmo em nossos dias, o observador poderá contá-los. Assim, se conhecem, por um depoimento diante do conselho de guerra de Paris após a “Commune” (caso Da costa), esse fato maravilhoso de um jovem sacerdote do clérigo parisiense, que, sob esse novo Terror, escondido em um quarto onde haviam erguido um altar, orava ele pelo seu arcebispo, Mgr. Darboy; de repente, viu o linho branco do altar se cobrir de pequenas gotas de sangue; ocorria no momento exato em que o arcebispo e cinco outros reféns tombavam sob as balas dos federados; Deus anunciava através um milagre que as nobres vítimas tinham perecido; e que os mártires tinham entrado naquele instante em sua glória. E também, do outro lado, temos aqui em Marselha um jornalista completamente sem religião, dos mais ímpios, e, além do mais é, franco maçom, chamado Clovis Hugues, já candidato radical para deputado, há já dois anos, e esse descrente, que havia escrito, nem sei em que jornal, um poema glorificando Satã, contava a quem o quisesse ouvir, - e isto me foi narrado por pessoas dignas de fé, - que se encontrando detido na prisão Saint Pierre por delito político, isto na época em que o nosso exercito nos desembaraçava dos “comunards” (partidários da Commune de Marselha), ele percebeu uma manhã, dentro da gaveta da mesa de madeira sobre a qual escrevia, o crepitar sinistro, muito claro, característico de uma fuzilaria; ele ficou mudo e durante o dia procurou se informar junto ao diretor da prisão, para saber se não havia ocorrido alguma desgraça á algum de seus amigos radical socialistas; o que ele soube depois, tinha sido, naquele minuto, no instante preciso quando uma fuzilada misteriosa havia ribombado em sua gaveta, o chefe da Commune de Marseille, Gaston Crémieux, havia sido executado pela tropa, no Pharo, ou seja, no outro extremo da cidade. Depois disso, M. Clovis Hugues contou á Mille pessoas esse fenômeno, e deve-se acreditar mesmo; e não somente por ser ele para nós um adversário fanático e violento, que devamos o acusar de impostura. Este homem disse a verdade, e o ruído da descarga do pelotão de fuzilamento de Gaston Cremieux ressoou realmente dentro da gaveta de sua mesa: mas ai, é fácil de ver que não ocorreu ai um milagre celeste; e que, se não fora Lúcifer ou qualquer outro demônio, que anunciara assim, por meio de um

## O diabo no século XIX

fenômeno, por um evento, á um ímpio reconhecido, a morte trágica de um chefe “communard”, seu amigo e seu cúmplice?

Um caso de imitação mais inacreditável ainda, me citou o abade. Um milagre divino, indiscutível, dos mais autênticos, é o do santo Janvier, cujo sangue se liquefaz e borbulha á cada ano, na data do seu martírio. Ou ainda, o que o abade Laugier soubera por um religioso franciscano, que tinha feito um retiro a um luciferiano convertido, e que existia em algum lugar, não podendo precisar aonde, em uma sociedade de theurgistes, o crânio de um sectário de Satã, supliciado durante a idade média, e que esse crânio, a cada ano, na data exata do suplício, fala, responde ás perguntas que lhe fazem sobre o que se passa no reino infernal, e lança chamas pelas cavidades de nariz e dos olhos.

Visto que está firmemente decidido á explorar os domínios ocultos do satanismo, meu caro filho, disse-me o abade, se por acaso encontrardes um dia esse crânio de amaldiçoado, talvez podereis assistir á esse evento diabólico.

O abade não se enganara em suas previsões. Esse crânio, que é exibido aos iniciados do ocultismo, eu cheguei á vê-lo; sobre isso falarei longamente mais adiante; mas devo dizer com toda sinceridade, que no que concerne á esse prodígio, acredito na possibilidade de um embuste; entretanto, se houver trapaça, ela é tão habilmente executada que se torna difícil se pronunciar categoricamente.

A conclusão final do meu velho amigo era de que, se Deus concede á Lúcifer um poder tão grande, que será ainda mais considerável durante os tempos do anticristo, mas do qual deverá prestar contas no dia do julgamento final, de outro lado, a providência divina, paternalista, protege os humanos, os bons, principalmente aqueles que, de piedade ardente na primeira idade, têm assegurados tesouros de graças, e a bondade do Pai celeste é tal, sua misericórdia é tal ponto infinita, que no ultimo instante da agonia, quaisquer que seja o grau do pecado no qual a alma tenha caído, é suficiente ao homem, para ser salvo, um ato de contrição perfeito, de um vislumbre de arrependimento sincero, real e levado por um sentimento profundo que leva á Deus; de tal maneira que o livre arbítrio do homem exista sempre, e que o poder de Satã de provocar malefícios seja completamente contrabalançado pela fé da criatura e aniquilado pela infinita bondade do Criador: o diabo poderá tentar, se rejubilar de ver o progresso do mal entre os obcecados e os possuídos; mas, no último momento, definitivamente, todos os seus esforços poderão ser perdidos.

O bom abade Laugier não se opôs mais ao meu projeto, e me prometeu suas preces. Iríamos juntos um dia, ao santuário venerado da Bonne Mère de la Garde.

Eu partiria no mesmo domingo, quando o navio levantaria âncora Ás nove horas da manhã, meu velho amigo subiu à bordo para se despedir de mim, me apertar a mão pela última vez. Na saída me deu uma medalha benta, de indulgência, uma medalha de Saint Benoit.

-Trazei sempre convosco esta medalha, meu caro filho, disse-me ele; Não esqueçais jamais, de a cada manhã e ao anoitecer, de fazer as vossas orações; invocai sempre a Santa Virgem... Agora, eu vos deixo sob a proteção de Deus.

Abraçamo-nos; o digno sacerdote chorava como uma criança.

**CAPITULO III**

**A MORTE DE UMA SACERDOTISA DE LUCÍFER**

Eu pouparei o leitor à descrição de uma travessia de Marselha à Galle, das mais monótonas, interrompida somente de passagem em Nápoles para uma visita ao ilustríssimo grande comandante Peisina.

Coube-me ir, em companhia do soberano hierofante, tomar "granite" (bebidas geladas) em um café da via de Mezzocanone, local onde ele fazia os seus contatos. Era por ai que acompanhava o sorteio da loteria nacional: ou seja, Peisina que tem diversas cordas em seu arco, debita aos seus à quinze centavos por consulta sobre os números que têm chance de sair. Esses instantes passados com o chefe supremo do rito Memphis (para a Itália) me deram a oportunidade de travar conhecimento com Bovio, um dos renomados oradores republicanos da península, hoje líder da extrema esquerda no parlamento. Bovio é um homem de estatura mediana, menor do que grande, com uma longa barba negra, sempre metido em um estreito redingote (casaca). Peisina nos apresentou um ao outro. Era também um irmão, mas do rito escocês. De resto, ele não fez mais do que entrar e sair, sempre acompanhado de cinco ou seis membros dos comitês eleitorais.

Com a saída de Bovio, nos ocupamos de ocultismo. Dei ao soberano hierofante notícias de Marselha. Durante a minha estadia na velha cidade foceana, visitei uma loja do rito de Misraim, com a qual a maçonaria napolitana mantinha boas relações. Mencionei à Peisina que, graças ao seu diploma, eu tinha sido recebido no templo com todas as honras da abobada de aço, malhetes batendo; ele ficou tremendamente satisfeito, e me disse:

-Outras honras, ainda maiores, vos aguardam nas Índias, se ali fordes, muito perfeito e ilustre irmão.

Ele se congratulava de me haver conferido o grau 90o. de Memphis, acrescentando:

-De um simples golpe de vista, eu compreendi isto quando me viestes ver pela primeira vez, que possuíeis a verdadeira luz e que toda a iniciação seria supérflua. Eu creio que vós sereis uma das glórias da nossa sublime ordem.

Eu lhe dirigi algumas palavras quanto ao Matracia.

-Um mártir! Murmurou.

O abade Laugier não havia se enganado; Matracia tinha tido convivência com os ocultistas de Nápoles. Separamo-nos, os melhores amigos do mundo; ele contava comigo para lhe trazer recrutas!...

Chegamos à Galle numa quarta feira. O soberano hierofante me fornecera o endereço de uma sociedade de cabalistas; mas eu me perguntava se eu deveria me engajar. Não me sentia ainda preparado para abordar tão bruscamente a cabala claramente diabólica. Eu não tinha visto ainda nada além da maçonaria ordinária, na loja de Marselha. Parecia-me que me seria mais prudente proceder paulatinamente, visitando primeiro os capítulos da Rosa Cruz, e em seguida os areópagos do Kadosch; e somente depois eu me arriscaria nas reuniões paládicas. Eu tinha estudado, com empenho, durante a travessia, por intermédio dos diversos livros que Peisina me havia vendido, toda a escala que conduzia aos luciferianos; mas os meus conhecimentos se limitavam à teoria; eu não tinha, em resumo, visto nada ainda.

A parada em Galle era de quarenta e oito horas. Tendo assim, pouco o tempo disponível para travar conhecimento com os cabalistas cingaleses, desci á terra imediatamente.

## O diabo no século XIX

O leitor sabe que Pointe de Galle é o ponto sul extremo da ilha de Ceilão, ela mesma ao sul da Índia, e dela separada pelo estreito de Palk. Do nosso ponto de vista, Ceilão ocupa uma situação peculiar, que não é sem interesse de se apresentar.

Se olharmos um mapa do mundo, ver-se-à que depois do Cabo da Boa Esperança, ao sul da África, e até quase a Kamtchatka, todo o litoral é guarnecido de ilhas : Madagascar com o seu cinturão de pequenas ilhas, Mayotte, Nossi-Bé, as Comoros, Bourbon, Maurice, Sainte Marie, as Seychelles, depois em direção ao norte, Socotra, à pouca distância do cabo Gardafui; em seguida, tomando a direção do leste, as Maldivas, Ceilão ao sul da Índia. Depois, entre o continente chinês e a Austrália, uma ilha imensa, toda a Malásia, Sumatra, Java, Bornéu, as Célebes, as Molucas, as Filipinas, todos os arquipélagos, inumeráveis, da Oceania; e sobre as costas da China, Haï-Nan, Hong-Kong, Formosa; em seguida ainda, as Lieou-Kieou, que formam uma linha de pequenas ilhas salpicadas entre a Formosa e o Japão; enfim o grande império insular do Japão, e as Kourilles, que constituem uma linha de ilhas claramente traçada entre Yeso e a extremidade da Kamtchatka. Todo esse enorme conjunto guarnece o mar das Índias, o oceano Pacífico, e estamos falando de incomensuráveis extensões, e todas ou quase todas essas ilhas são vulcânicas, Quem não conhece, o Fusi-no-Yama do Japão, os terremotos tão frequentes nesta região que puderam ser contados a quase novecentos por dia? As perturbações intermitentes de que as Filipinas são teatro? Enfim, quem não ouviu falar da catástrofe tão recente do Krakatoa?

Esses vestígios vulcânicos e o aspecto de simultaneidade mostram que, muito provavelmente, que todas essas ilhas não seriam mais do que os restos, as pontas elevadas de um continente ai existiu outrora, e que uma catástrofe, de uma potência extraordinária, o tenha feito desaparecer, tanto mais que a África, cujo nível central é, assim o diz, bem abaixo do nível do Oceano e formava antigamente o fundo de um mar, apareceu, surgindo do seio das ondas.

Qual teria sido causa desse cataclismo terrivelmente pavoroso das mais longínquas eras da humanidade? Só Deus o sabe. Mas o que realmente prova que haveria uma ligação e que essas terras, hoje separadas, estavam outrora reunidas, é que a sua fauna e sua flora, seus animais e suas plantas, são as mesmas e pertencem exclusivamente às espécies de transição: os makis, por exemplo, com corpo de macaco e a cabeça de carnívoro, formando a transição entre os dias espécies; os Cangurus e os ornitorrincos, a transição entre os vertebrados e os invertebrados.

Lá encontramos animais que se parecem à plantas, e plantas que se assemelham à animais; animais que se nutrem de flores, e flores que nutrem de animais, que apanham em armadilhas, matam, comem e os digerem; plantas que se deslocam (passeiam), e animais imóveis ou quase isso; cogumelos e fetos (plantas) tão grandes como arvores, e arvores tão pequenas como cogumelos; homens, enfim, que tem o aspecto de macacos, e macacos que se não me engano se parecem com homens; formigas, aranhas, moscas, gigantescas, fora de todas as proporções, e pássaros, e até cavalos, bois, infinitamente pequenos; e a ultima e estranha singularidade, todos os gatos que são pretos nascem sem a cauda.

É lá, que se vê um mundo de contrastes, onde o estudo confunde o espírito; pois tudo que venho dizendo é de uma exatidão rigorosa, a mais científica.

Um sábio alemão, protestante, herético por consequência, impressionado por esses fatos, chegou a uma conclusão inesperada e fantástica: Hœckel supôs que, apesar desse continente, desaparecido no Oceano, e do qual não aparecem senão as pontas mais elevadas para atestar a antiga existência, era o centro, o ponto de origem das espécies da fauna e da flora intermediaria transitório, podendo ter sido, em um momento qualquer dos tempos primitivos, o elo de origem, de nascimento e moradia de um animal de transição entre o homem e o macaco, animal hipotético que outros autores denominaram de antropopiteco.

Partindo-se deste ponto, contrário à ciência de Linné, de Cuvier e outros Zoólogos cristãos, ciência que desenvolve bem conforme eles, os transformistas se divertem em descrever este pressuposto

## O diabo no século XIX

animal. Segundo eles, ele não tinha ainda o dom da palavra; mas ele tinha, afirmam eles, os membros finos, o formato das mãos similares à dos pés, o corpo peludo; e alguns chegam a dizer que este antropopiteco, este animal quase homem, possuía cauda, e de barba e pelos ruivos.

Seria inútil nos demormos em discutir essas futilidades. A santa escritura, a revelação, a tradição religiosa têm um outro valor que as hipóteses de um sábio protestante e nos ensinam, e não há o que duvidar, que o homem não é o produto de uma transformação, mas é bem o “homo sapiens” como o denomina Linné, classificando-o numa categoria à parte de todos os animais, ou seja uma criação à parte e toda especial do Eterno.

Se me alonguei no tocante a essas fantasias ridículas de uma pseudociência, é unicamente para mostrar a importância física, importância incontestada, dessas terras estranhas, toda a sua singularidade excepcional, aquela quase inconformidade, se é que poderíamos assim nos expressar, dessas regiões que iremos percorrer, e que os missionários chamam normalmente de o reino de Satã. E veremos, através a minha primeira pesquisa, que esta denominação não de modo algum arbitrária, e que é necessária, aos nossos sacerdotes das missões, imensa coragem para se consagrarem à conquista de almas nesses países subjogados há tantos e tantos séculos pela forças do inferno.

Se esse mundo é singular do ponto de vista físico, ele é bem pior do ponto de vista de civilização. A Índia e a Ásia têm sido desde há muito e são mesmo em nossos dias os centros da pior superstição, das piores idolatrias: essas hordas selvagens, representadas por inumeráveis milhões de habitantes, pois que as Índias, elas por si só, respondem por quase três centenas de milhões de indivíduos, e a China aproximadamente seis centenas de milhões, essas hordas, digo eu, não tem vivido todos esses tempos senão de rapinas e conquistas, alternadamente senhoras e vitoriosas, depois vencidas e escravas; e, ao lado desta barbárie secular, agravada inda mais por um desconhecimento desvirtuado de Deus, encontramos, nessas terras, uma imensidão inverossímil, de traços de uma civilização e de uma arte que confundem o explorador. Assim é, por exemplo, toda a arquitetura grandiosa e admiravelmente estudada, como as dos Kmers da Baixa Cochinchina, de que percorremos algumas ruínas absolutamente fantásticas, inverossímeis, com escadarias dando acesso às habitações dignas de lendas de gênios e de fadas, escadarias onde cada pavimento tem mil metros de extensão, e cujo comprimento total, para se chegar à porta é de duas léguas (uma escadaria de duas léguas!), casas onde cada pedra tem duas centenas à cinco centenas de metros quadrados de dimensão, e onde escavações de trezentos metros de profundidade não conseguiram encontrar o fundo nem as fundações!... O que são as pirâmides do Egito ao lado disto! E pensar que esses povos puderam projetar e tentar construir a torre de Babel!...

Peço perdão ao leitor por esta digressão. Ela era necessária, para me permitir apresentar esta pergunta, após todos esses exploradores atônitos, pergunta essa ainda sem resposta e não o será por muito tempo ainda: Quem lá habitava nessas longínquas eras? Quem seriam os gigantes ou que maravilhosos especialistas desses lugares maravilhosos? O que teria ocorrido para arruinar e enterrar essas construções que desafiam os séculos? Qual o mistério que se esconde no fundo desse problema indecifrável?... Não poderemos, certamente, o resolver, esse problema; mas pode-se sentir uma mão toda poderosa tenha esmagado este antigo mundo civilizado, caindo sobre ele com toda a sua força.

Tendo desembarcado, como o estava dizendo, sob influência dessas reflexões. Parecia-me que essas regiões tinham sido o palco de uma gigantesca revolta humana contra Deus, e que, objeto de uma terrível maldição celeste, elas traziam ainda a marca incontestada do seu opróbrio, entregues para seu castigo ao domínio de Satã, que tiraniza as populações, as deprava à seu bel prazer, fazendo o seu jogo, e se compraz à reinar como um deus de uma seita infernal.

O único hotel de Pointe de Galle é bem conhecido dos viajantes, que vão a ele para descansar do mar, durante as poucas horas da escala. No decorrer dessas escalas de navios ingleses ou franceses que ali aportam, em grande número, por sinal, o pequeno lugar, ou melhor, a estrada que passa em frente ao hotel, é invadida por mercadores de toda a espécie, vendedores de safiras, de bibelôs, importunos,

## O diabo no século XIX

envolventes, vos tomando à força, se introduzindo em vosso quarto, vos importunando em todos os lugares, isso sem mencionar os saltimbancos, charlatães e encantadores de serpentes.

Esses saltimbancos são os ciganos da Índia; eles vivem em tribos errantes, se dedicando às suas charlatanices, desaparecendo à intervalos, para reaparecerem posteriormente. Veste-se com um simples pedaço de tecido, que prendem à sua cintura. Os encontramos geralmente em grupos de três ou sete, entre eles uma mulher; jamais cinco, nem seis, ou dois.

Sua principal ocupação, além do roubo de que são contumazes, consiste nos jogos de habilidades, destreza, charlatanismo e escamoteação, e principalmente na arte de encantamento de serpentes, principalmente a cobra capelo, víbora de capelo, cuja picada é instantaneamente mortal. E tudo isso, executado na ponte de um navio ou na rua, é de uma pura fantasia; mas, em grandes ocasiões, em certas festas, por exemplo, eles se dedicam a exercícios que têm algo de prodigioso.

Eles eram sete, nesse dia, na varanda do hotel de Pointe de Galle, nus, sujos, agrupados em círculo, em vias de mostrar seus talentos de predigitização, diante dos quais Robert Houdin e Dicksonn, eles mesmos seriam sem dúvida vencidos. Aquele que ocupava o centro do grupo e ao qual os outros serviam de coadjuvantes, lhe passando os instrumentos, os truques,, tinha uma fisionomia toda peculiar; de uma magreza impressionante, pele negra, suja, estendida sobre os ossos, tinha por instantes reflexos verdes sempre que se movia e a luz incidia sobre ele; tinha as mãos e os pés longos, em forma de patas, quase terminados em garras; sob uma abundância de cabelos que nunca tinham conhecido a tesoura, emaranhados, se divisava, pequeno, pequeno, um rosto extravagante, do qual a maior parte da superfície estava ocupada por um enorme nariz adunco, à frente de dois olhos brilhantes como brasa de carvão e sobre uma boca torcida, indo até as orelhas em ponta, peludas, e guarneçada de dentes afilados e de uma brancura surpreendente. Esse personagem, embora sujo, imundo e repugnante, olhava de uma maneira com um que de inquietante no olhar.

Executando seus exercícios, entremeados de explicações em tAMIL, que ninguém entendia, ele nos olhava à todos, à mim em especial, conforme me parecia; ele me observava de uma maneira toda especial, me encarando e rolando os seus olhos fazendo aparecer o branco dos olhos nesse momento avermelhados pelos reflexos do fogo.

Fiquei estupefato quando um empregado indiano do hotel, que estava atrás de mim, me sussurrou estas palavras:

-O Satã deseja vos falar; ele diz que sabe quem sois; sua vontade é a irmã da sua e ele vos conduzirá.

Eu estava simplesmente atordoado. Esse nome de Satã dado ao prestidigitador me intrigava, tanto mais que ele o empregado do hotel não havia trocado quaisquer palavras. Ele não tinha se movido do seu lugar; sozinhos, dois de seus comparsas tinham, por varias vezes, circulados entre os viajantes saídos do hotel, a fim de fazer a coleta; mas mesmo esses não haviam falado com o empregado do hotel.

O espetáculo tinha terminado tendo rendido à trupe uma grande quantidade de moedas de pequeno valor, os Indianos pareciam se retirar, quando o chefe, se virando para o meu lado sem afetação, colocou sua mão esquerda sobre o coração, deixando cair o braço direito ao longo do corpo, a mão direita cerrada, exceto o indicador estendido apontando para o solo; e ao mesmo tempo, me lançando à socapa um piscar de olho, que, não seria uma repreensão, e sim um apelo.

Nesta mímica, ele me tinha dado duas indicações. Com a sua atitude, assumida sem se fazer notar, e também despojada, o prestidigitador me havia mostrado que era luciferiano. Isto, eu o sabia, não por Peisina que me ensinara exclusivamente os sinais e gestos do rito de Memphis quando me tinha conferido um dos mais altos graus, mas sim por Carbuccia, que havia recebido, e nunca esquecido, a iniciação das seitas claramente satânicas; e, para se fazer reconhecer por um co-filiado, se encontrar

## O diabo no século XIX

em uma assembleia de profanos, ou na rua ou em um local público, um luciferiano toma, durante dois ou três segundos, a posição em questão, chamada por esse motivo, o sinal de reconhecimento. Além do mais, o prestidigitador me havia me havia dado por intermédio do olhar um apelo, para o caso em que eu não fosse um luciferiano como ele.

Respondi ao seu apelo com uma inclinação de cabeça, indicando assim que o iria encontrar. Mas não acreditei que deveria, por um sinal correspondente ao seu, me fazer passar por um iniciado da teurgia, porquanto eu não era ainda nada mais do que um simples cabalista de Memphis; se eu tivesse usado desse subterfúgio, ele me poderia fazer perguntas, às quais não teria como responder; preferi então não esboçar qualquer gesto maçônico, nem mesmo o esquadro tão conhecido, ensinado em loja aos aprendizes (1o. Grau), e deixar o meu homem acreditar que eu era apenas um profano qualquer.

Logo alcancei o grupo que continuava a andar, em quanto o Satã se detinha.

Quando o alcancei, ele me saudou profundamente, à maneira indiana, ou seja, colocando a mão esquerda sobre a cabaça e inclinando o corpo até quase tocar o solo.

-Tu, medico do navio? Perguntou-me.

-Sim, respondi.

-Então, tu vir ver Mâhmâh doença rebentar?

O contato com os Europeus ensinou aos Indianos os idiomas dos passageiros com os quais eles estão em contato, idiomas que falam mal e porcamente do ponto de vista de sintaxe, mas o suficiente para se fazerem entender.

Fiz-lhe sinal que sim com a cabaça, e indiquei com a mão, ao estranho individuo que ele só teria de andar na minha frente, e que o seguiria.

-Longe, retrucou.

Alcei os ombros, demonstrando assim que me era indiferente.

- Dinheiro não tem.

Alcei novamente as espáduas.

-Atcha, botatcha, Sab, Sab, Sab! Exclamou ele em seguida. Isto quer. Muito obrigado, muito obrigado mesmo, senhor, senhor, senhor.

Ao ouvir essa exclamação, toda a tribo, parada no caminho, à alguns metros de nós, veio até mim, me cercaram, se inclinaram, a mão sobre a cabeça, e nessa posição sem se moverem, repetiram :

-Atcha, botatcha, Sab, Sab, Sab!

Um pouco irritado com essas demonstrações exageradas, mas não eram nada de mais nesse país onde uma simples saudação beira à adoração, disse secamente:

- Basta!.. Andemos!...

O Satã soltou então um assobio estridente.

-Ticka-garri, acrescentou.

## O diabo no século XIX

É o nome dessas viaturas indianas

Logo, uma viatura, que eu não tinha percebido, nem visto também, saída de nem sei de onde, provavelmente de detrás de algum canto da estrada onde devia estar estacionada, aguardando algum cliente, se aproximou de nós.

O Satã me convidou à subir. Ele subiu atrás e mim e se sentou ao meu lado. Sem mais uma palavra, o cocheiro se lançou à caminho, levantando em torno da viatura um turbilhão dessa poeira vermelha de que o solo de Ceilão é inteiramente feito, e através as nuvens e essa poeira se distinguiram à intervalos os outros seis Indianos da tribo, inclusive a mulher, nos seguindo em passo acelerado, sem parar nem bufar.

Tomamos o caminho de Wakouellah; que é uma espécie de “bungallow” ou hospedaria indiana, empoleirada no topo de uma montanha e bastante conhecida dos viajantes. O passeio à Wakouellah é clássico em Galle.

A estrada que leva a ela passa através uma floresta inextricável e espessa, onde as árvores de galhos espinhosos se entrelaçam com as bananeiras, os coqueiros, as arecas. Durante toda a caminhada, o deserto; nem uma viva alma, nem uma habitação; e no grande silêncio, sob um sol quente, perturbado somente pelo ruído da passagem da viatura, percebia-se aqui e ali, o ruído sob as folhagens, produzido pelas serpentes que deslizavam assustadas, lagartos enormes que iam aparecendo, pássaros da noite que se chocavam cegamente contra mil obstáculos, ou os macacos que saltavam espantados; esses últimos fazendo caretas, mas permanecendo silenciosas sob a impressão dos seus medos, ao passo que os gigantescos crocodilos, imóveis nas margens dos charcos imensos, abriam lentamente suas goelas, abismos escancarados de onde não se ouvem nenhuns sons.

O deserto e o silêncio!... Há aí alguma coisa que vos faz estremecer como que de frio, e sob o sol quente; e essa simultaneidade impressiona vivamente.

Não havíamos trocado nenhuma palavra com Satã, e a viatura corria sempre.

De repente, ela executou uma mudança repentina de direção, deixando a estrada e entrando em plena mata. Aqui, já não havia mais a poeira, mas sim os restos de folhas e galhos quebrados que açoitavam vidros e portinholas, com um ruído como de granizo, em quanto que, alternadamente, viam-se saltar, aparecer e depois desaparecer na folhagem os seis outros da tribo, que nos seguiam sem se cansar.

Um grande solavanco, e entramos na água até o eixo; vadeamos um por um vau, de fundo mole e lodoso: do outro lado, atrás de um matagal espesso, desembocamos em uma clareira relvada, em cujo centro se erguia uma choça.

O veículo parou. Havíamos viajado por duas horas inteiras, todo esse tempo em marcha rápida. Onde poderíamos estar? Eu não sabia absolutamente nada. Evidentemente, em plena floresta, em um local onde nenhum ser humano penetrava, exceto a tribo que havia estabelecido residência.

Apeamos, enquanto que não muito distantes. Podiam-se ouvir precipitados, os passos dos seis, que nos acompanhavam rapidamente e chegaram logo mais. Coisa extraordinária, eles haviam corrido durante duas horas em boa velocidade, mas sem saltarem, simplesmente alongando os passos como imensos compassos, e reparei que nenhum deles suava e nem ao menos resfolegava. Reparei ainda, que eles tinham entre os lábios o “lingam”, amuleto obscuro que o indivíduo traz em geral preso ao braço esquerdo.

Eu me perguntava, olhando a choça sórdida que lá estava, como tão exígua como era, poderia servir de abrigo à sete pessoas, mesmo oito, e mesmo mais; pois supunha eu que era a moradia da velha moribunda que desejavam que eu visitasse.

## O diabo no século XIX

-Devemos entrar ali, me disse então o Satã, me fazendo entender com um gesto que a porta se encontrava do outro lado.

Fizemos a volta, e me encontrei diante de uma porta carcomida, aplicada à uma abertura; era a entrada da choça. Sobre o umbral, sentado gravemente, um macaco, a cujo lado pendia, seguro pelas suas garras à um rebordo de madeira, de cabeça para baixo, um morcego pelado, da espécie vampiro, sob o qual, no chão, uma cobra, enrolada, dormia.

Três animaizinhos sujos, pensei.

No mesmo instante, um gato preto, de cauda cortada e torcida, apareceu na nossa frente. O Satã soltou um cacarejo onomatopaico gutural; à esse som, bruscamente acordados, morcego e cobra se afastaram, o vampiro rasando o chão, em quanto o macaco me olhando bem no rosto, abriu a boca numa careta, pronunciando claramente essas duas palavras :

-Salam, sab (bom dia, senhor).

Eu o olhei por um instante, estupefato. Era mesmo um animal que assim falava? Ou seria um homem parecendo um animal? ... De qualquer maneira uma grande surpresa. Esse incidente inesperado me produziu um efeito negativo. Senti um suor frio me perolar a testa, meu coração disparou, e por um instante vi tudo escuro. O macaco desapareceu.

-Tem medo não, ouvi a voz do Satã, que se apercebera desse momento de emoção; Tem medo não.

Decididamente, eu me tinha metido em uma estranha aventura; e estórias de estranguladores me passaram pela cabeça... Entretanto isso me parecia impossível. Pensando bem, eu me dizia que nunca havia acontecido nada à nenhum estrangeiro, viajando somente com um guia Indiano no Ceilão; Jamais tinha ouvido falar que qualquer um tivesse desaparecido ou sido assassinado. Parecia-me inadmissível que um empregado do hotel e esta tribo estivessem coniventes para me jogarem em uma emboscada; para eles seria como arriscar a própria cabeça. Assim, esta comoção logo desapareceu. Restava outra apreensão: nesse país do diabo, saberia alguém o que poderia acontecer? Eu tinha hesitado em participar de uma reunião cabalística, e me encontrava à mercê de um bando de luciferianos semisselvagens!... Verdade seja dita, esse símio falante (eu pensava que era um macaco) não me dizia nada que valesse a pena.

De outro lado, não podia mais prolongar a situação. O Satã havia deslocado a porta, e a visão do interior da choça que a mesma não era uma habitação propriamente dita : esta choça encobria a entrada de uma caverna, em forma de poço. E o Satã me fazia sinal para segui-lo.

-Um instante, disse eu.

Ele parou surpreso.

-O que há? Perguntou.

-Há, respondi, que eu quero saber para onde estou indo.

-Longe não, replicou, longe não; lá, lá, embaixo.

E batendo o pé no chão, continuou:

-Ali tem, grande quarto mortos... Tú vê se Mâhmâh doente estourar.

Vi assim, pala maneira que se expressava, que nada era mais simples, para ele, e que com toda a probabilidade, eles tinham, ele e seus companheiros, depositado o corpo de sua mãe, - pensava eu

## O diabo no século XIX

que era a mãe deles, - a ponto de morrer, em uma câmara escavada no solo, uma espécie de uma grande câmara mortuária.

-Porque me fizeste vir? Repliquei.

-Tú médico french (francês), e bom, não amar nossos médicos não conhecer; Tú, amigo, amigo, saber isso eu... Tú dizer se Máhmâh doente, sarar não.

Impossível arrancar outra coisa desse diabo de homem.

-Porque, disse-lhe novamente, não fizestes vir um médico inglês?

-Ele não amigo Satã; ele falar; tú. Amigo, não falar... Ingleses malditos, que espírito um dia afugentar da Índia.

Não me agradava nada de ver meterem um espírito nesta história.

-Tú acreditas em espíritos? Perguntei.

-Espírito protege Satã, espírito falar com Satã.

-Realmente?

-Mim saber tú ser amigo Satã.

Não pude reprimir o riso.

-Tú amigo, e mim nunca roubar tú... Espírito protege tú...

- Como sabes que sou teu amigo?

-Sabendo. E tú me dizes que um espírito me protege; como sabes disso?

- Sabendo.

Ele me respondeu esses dois “sabendo”, com a atitude de um homem que deseja dizer mais nada.

Não obstante, continuei o meu interrogatório.

-E, depois que tú me acreditas-te teu amigo e que desejavas me fazer vir até aqui, como fizeste para dizer ao empregado do hotel sem lhe dirigir a palavra?

-Somos mesma mão.

-O que é isso, mesma mão?

-Mesma mão, mesmo espírito... Tú, curioso, tú logo tudo louqsi (ver).

Com essas últimas palavras, ele se dirigiu para a entrada, e eu o segui.

Descemos aproximadamente sessenta degraus e desembocamos em uma grande câmara subterrânea, iluminada por uma lamparina à óleo de coco que cheirava mal.

O que me chamou a atenção de imediato foi um amontoado de folhagens de coqueiro, e sobre essa espécie de leito, estava deitada, enroscada nela mesma, uma velha mulher; qualquer coisa